

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

ROSANA PERUCHI LUIZ

**IDENTIFICAÇÕES ÉTNICAS DE CRIANÇAS AFRO-DESCENDENTES
NO BAIRRO SANTA BÁRBARA (1952-1964)**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010

ROSANA PERUCHI LUIZ

**IDENTIFICAÇÕES ÉTNICAS DE CRIANÇAS AFRO-DESCENDENTES
NO BAIRRO SANTA BÁRBARA (1952-1964)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do Grau de Bacharelado e Licenciatura no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^(a) MSc. Lucy Cristina Ostetto

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2010

ROSANA PERUCHI LUIZ

**IDENTIFICAÇÕES ÉTNICAS DE CRIANÇAS AFRO-DESCENDENTES
NO BAIRRO SANTA BÁRBARA (1952-1964)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado e Licenciatura no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com Linha de Pesquisa em História Temática.

Criciúma, 09 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Lucy Cristina Ostetto – MSc – (UNESC) – Orientadora

Prof. Antônio Luiz Miranda – Dr. – (UNESC)

Prof^a Geórgia dos Passos Hilário – MSc –

Aos afro-descendentes de Criciúma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Tereza Peruchi Luiz e ao meu pai Narciso Luiz, pelo constante apoio e dedicação, e à minha irmã Giovana Peruchi Luiz.

Em especial, agradeço a todos os entrevistados para esta pesquisa: Antonio Casimiro, Amadeu Fellipe, Anália José Lima, Maria dos Santos Lima, Dalci Dário, Maura Martins Vicência, Onélia Alano da Rosa, Sioni dos Passos Silva, e Sueli dos Passos Simão.

À Lucy Cristina Ostetto, pelas contribuições no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do curso de História, em especial ao Dorval do Nascimento, pela oportunidade de participação em dois projetos de pesquisa.

Agradeço imensamente a todos os meus amigos, principalmente à Rute Almeida da Silveira (e Silva), Jairto Vitto Júnior, Jéssica Borges Motta e Rodrigo Szymanski, pelo apoio e permanente incentivo.

E a todos os que contribuíram no desenvolvimento e elaboração deste trabalho.

**“Mas agora as sereias têm uma arma ainda mais
assustadora que o canto – o silêncio.”**

Franz Kafka, *O silêncio das sereias*

“... e tu nunca lê isso em livro nenhum...”.

Anália José Lima

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o processo de construção da identidade étnica de crianças afro-descendentes no bairro Santa Bárbara, nos períodos de 1952 a 1964. Através da oralidade, podem-se perceber esquemas de pertencimento e identificação sendo desenvolvidos e manifestações étnicas sendo articuladas e exercidas em meio à discriminação. A construção das identidades étnicas está diretamente vinculada às interações sociais entre grupos culturalmente distintos; entender as particularidades existentes nestes relacionamentos contribui no desenvolvimento de subjetividades positivas.

Palavras-chave: Afro-descendente. Identidade étnica. Grupo étnico. Discriminação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Time Atlético Futebol Clube, em 1951.....	36
Figura 2 – A Vila e ao fundo a antiga capela de Santa Bárbara.....	39

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBCA – Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá

CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Fig. – Figura

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPAT – Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas

IPTU – Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A INVISIBILIDADE DAS POPULAÇÕES AFRO-DESCENDENTES EM SANTA CATARINA.....	12
2.1 As visibilidades dos afro-descendentes em Santa Catarina	14
3 A INVISIBILIDADE DOS AFRO-DESCENDENTES NA HISTORIOGRAFIA OFICIAL DE CRICIÚMA	20
3.1 Novas perspectivas para a visibilidade das populações afro-descendentes em Criciúma	24
4 A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICAS NO BAIRRO SANTA BÁRBARA	32
4.1 A constituição de identidades étnicas na escola	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
Fontes Orais	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho originalmente vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, em um projeto aprovado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, destinava-se à análise de constituições identitárias de crianças afro-descendentes no espaço escolar a partir do tema: *Escola e Identidade Étnico-Racial: investigando a constituição de sujeitos étnicos em uma escola pública (Grupo Escolar Coelho Neto, Criciúma/SC, 1952-1964)*. Em continuidade, a presente pesquisa amplia a análise da formação das identidades étnicas envolvendo não apenas a escola, mas também o bairro Santa Bárbara, por caracterizar-se como um importante núcleo de efetivas relações e interações sociais.

Na análise da construção da identidade étnica de crianças afro-descendentes no bairro Santa Bárbara, foram utilizadas fontes orais e referências bibliográficas específicas, e a partir do conceito de história oral temática de Meihy, as informações relacionadas ao tema central da presente pesquisa foram articuladas e confrontadas¹. Nove pessoas foram entrevistadas, sendo: sete afro-descendentes, um descendente de italianos, e um descendente de poloneses, que no período estabelecido eram moradores do bairro Santa Bárbara, e funcionários ou estudantes no Grupo Escolar Coelho Neto. Os relatos apresentados reportam memórias individuais que frequentemente evidenciam elementos comuns percebidos em várias narrativas. Em relação à memória coletiva, Halbwachs² afirma:

As memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo. “Lembram” muito o que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. Daí, pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado.

As memórias coletadas constantemente mesclam acontecimentos e práticas que relacionam a escola Grupo Escolar Coelho Neto e elementos do cotidiano do bairro Santa Bárbara, fazendo-se necessário para um maior

¹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2005, p. 162-163

² HALBWACHS apud BURKE, Peter. **Varietades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 70.

entendimento sobre o processo de constituição identitária dos mesmos, analisar estes espaços de convivência.

Entre as bibliografias utilizadas na construção da presente pesquisa, a discussão conceitual foi principalmente embasada em: Ecléa Bosi (1998), que apresenta a memória individual recordando elementos significativos do passado e da memória coletiva, tendo como principal meio de desenvolvimento relações sociais, escolares, familiares e profissionais; Philippe Poutignat, e Jocelyne Streiff-Fenart (1998), que, por meio da análise do desenvolvimento do conceito de etnicidade, evidenciaram como o mesmo se constitui historicamente; Ricardo Franklin Ferreira (2004), que analisa o processo de construção de uma identidade afro-centrada em quatro estágios, sendo eles, o estágio da submissão, impacto, militância, e da articulação; Stefânie Arca Garrido Loureiro (2004), que analisa a ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmicas de grupo; Stuart Hall (2005), que evidencia a identidade em constante processo de constituição, sendo transformada a partir das interações sociais e processos históricos.

Este trabalho é composto por três capítulos: no primeiro capítulo, “A invisibilidade das populações afro-descendentes em Santa Catarina”, será analisada a invisibilidade e a homogeneidade atribuída aos afro-descendentes, assim como alguns dos aspectos culturais manifestados por estes grupos étnicos no estado.

No segundo capítulo, “A invisibilidade dos afro-descendentes na historiografia oficial de Criciúma”, serão analisados elementos da historiografia oficial de Criciúma e produções acadêmicas, evidenciando indícios das trajetórias dos mesmos no decorrer da história do município.

No terceiro capítulo, “A constituição de identidades étnicas no bairro Santa Bárbara”, será analisada, a partir das entrevistas com moradores do bairro Santa Bárbara entre 1952 a 1964, a constituição de esquemas de identificação e de pertencimento baseados na etnicidade no bairro e no Grupo Escolar Coelho Neto, no período estabelecido.

A presente pesquisa tem como intuito visibilizar elementos das histórias, trajetórias e práticas culturais dos afro-descendentes em Santa Catarina e em Criciúma.

2 A INVISIBILIDADE DAS POPULAÇÕES AFRO-DESCENDENTES EM SANTA CATARINA

Este capítulo tem por objetivo compreender os mecanismos que invisibilizaram as trajetórias dos africanos e de seus descendentes em Santa Catarina bem como evidenciar algumas das manifestações culturais dos mesmos.

A quase não existência de estudos destinados à visibilidade das manifestações culturais dos grupos étnicos afro-descendentes no estado contribui para que os mesmos permaneçam na invisibilidade. Entende-se que as interpretações sobre o mundo, os modos de agir, a língua, o comportamento social entre outras ações culturais, são manifestações aprendidas socialmente, estando sujeitas a constantes reelaborações³. Sendo que “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada, nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”⁴, assim sendo, as manifestações culturais características a um grupo étnico não são constantes e homogêneas.

A cidade de Criciúma, o bairro Santa Bárbara e a escola Grupo Escolar Coelho Netto, situam-se em uma região do Brasil em que tradicionalmente a presença das populações africanas e de seus descendentes é negada ou relativizada. Segundo Boaventura, a comparação entre a quantidade de membros dos grupos étnicos percebidos em Santa Catarina nos últimos tempos tem apresentado os afro-descendentes como minoritários⁵, considerados “‘pouco representativos’, devido à ausência de expressão social político-econômico”⁶.

Esta invisibilidade dos grupos étnicos afro-descendentes em território catarinense é apontada por Boaventura como resultado das perspectivas que atribuem ao estado, em comparação com outras localidades brasileiras, a ausência de um grande sistema escravista destinado à exportação; neste sentido, favorecendo a percepção de que “relações mais democráticas e igualitárias” teriam ocorrido devido a pouca expressividade do sistema escravista⁷, refletindo-se nas

³ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 68.

⁴ Ibid., p. 80.

⁵ BOAVENTURA, Ilka Leite (Org.). **Negros no sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 37.

⁶ Ibid., p. 270.

⁷ Ibid, p. 40.

produções científicas que atestam a inexpressividade da participação do afro-descendente na formação do estado⁸.

Pode-se apontar que esta ideia de “pouca representatividade” e “expressão” das populações afro-descendentes em Santa Catarina atende aos anseios ideológicos de branqueamento do estado⁹, pois “os componentes da identidade étnica da região sul no âmbito da nação é a sua branquitude, a sua europeização”¹⁰. Desta forma, o desenvolvimento e a ocupação do estado são atribuídos à imigração europeia enquanto os africanos e seus descendentes são percebidos como “quase não existentes”¹¹.

Em decorrência do forte incentivo que o governo brasileiro dedicou à imigração entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, variado contingente étnico adentrou o país no período, estabelecendo-se no sul e sudeste do Brasil¹². Os propósitos políticos fundamentados na “suposta ‘superioridade inata’ de alguns povos europeus para o trabalho” situaram as perspectivas governamentais de desenvolvimento, ocupação de espaços geográficos e branqueamento da nação¹³.

Como cita Pedro et al¹⁴:

A migração européia, em especial aquela chegada a partir de meados do século XIX, foi realizada no bojo de um processo bastante complexo, no qual se visavam, entre outras coisas, a substituição da mão-de-obra escrava, a regeneração do valor simbólico do trabalho e mesmo um branqueamento da população brasileira. No caso de Santa Catarina, em particular, a atração de parte do contingente de imigrantes dirigido ao país visava também à ocupação e valorização de vastas áreas de terras virtualmente desabitadas, bem como a fixar uma população capaz de amparar, com homens e mantimentos eventuais movimentos de tropas militares de uma região de fronteira um tanto agitada.

O período referido busca assegurar a manutenção de tropas militares, assim como a valorização do território catarinense por meio da imigração européia, mas principalmente apresenta evidentes propósitos políticos articulados no sentido de construção de uma identidade nacional orientada pelo padrão “branco”

⁸ BOAVENTURA, op. cit., 1996, p. 40.

⁹ Ibid., p. 41.

¹⁰ Ibid., p. 50.

¹¹ Ibid., p. 40.

¹² KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, 2001, p.152.

¹³ Ibid.

¹⁴ PEDRO, Joana Maria et al. Escravidão e preconceito em Santa Catarina: História e Historiografia. In: BOAVENTURA, Ilka Leite (Org.). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 240.

considerado superior, visando a sublimação das variadas populações de origens africanas e de seus descendentes no sul do Brasil, e assim manterem-se as ações ideológicas assentadas nas perspectivas de construção de um estado “branco”.

2.1 As visibilidades dos afro-descendentes em Santa Catarina

Grande parte das produções sobre os africanos e seus descendentes no estado refere-se à escravidão, e poucas são destinadas à temática da discriminação e do preconceito, sendo que as pesquisas referentes aos imigrantes europeus são bem mais expressivas¹⁵. Estas ausências percebidas nas produções científicas e historiográficas tomam forma de “negação da existência e da memória”¹⁶ dos afro-brasileiros no estado, condição que pode ser atenuada ao tornar-se evidente a importância de:

[...] estudar a presença dessas populações num passado recente, posterior ao período escravista. Perceber, por exemplo, como se articulam as tentativas de ascensão social, quais as linguagens empregadas? Historicizar a criação de instituições e espaços de sociabilidades. Perceber a ressignificação de valores ditos “brancos”. Observar a construção de diferenciadas formas de resistência articuladas nos embates do cotidiano. São estas ações que ajudarão a tirar as populações negras da invisibilidade e deixar de buscar num passado remoto a “culpa” pelas relações desiguais da atualidade.¹⁷

Ao se evidenciar pesquisas relacionadas às características da cultura afro-brasileira em suas especificidades no decorrer do século XX, em Santa Catarina, está-se contribuindo para a visibilidade dos espaços ocupados por estes grupos étnicos.

Boaventura ressalta que “o território negro aparece, então, como o elemento de visibilidade a ser resgatado¹⁸”, pois o acesso a terra por estas populações de origens africanas foi impossibilitado, em muitos casos pela falta de condições financeiras, por muitos terem utilizado o que possuíam comprando suas alforrias; ou impedimentos devido à legislação, restando como última opção áreas

¹⁵ BOAVENTURA, op.cit.,1996, p. 233.

¹⁶ Ibid., p. 233.

¹⁷ Ibid., p. 244.

¹⁸ Ibid., p. 50.

periféricas e sem recursos, em ocupações que em várias situações não foram legalizadas¹⁹.

Além do caráter de inexpressividade atribuído aos afrodescendentes em Santa Catarina, outro aspecto assumido pelas percepções sobre os vários grupos existentes é o de homogeneidade²⁰. Se se considerar que “crenças, valores, símbolos, ritos, língua, enfim, traços culturais sofrem variações dependendo de que regiões africanas essas pessoas procedessem”²¹, tem-se em Santa Catarina uma infinidade de experiências e conhecimentos orientando as interações e novas relações que os provindos da África encontraram e manifestaram no estado.

Entre as pesquisas que abordam a perspectiva dos grupos étnicos afrodescendentes em múltiplas experiências, pode-se citar Wagner, que, a partir da análise de registros de batismos, casamentos e óbitos entre os séculos XVI e XIX²², percebe que:

[...] evidencia-se, pois, a sociedade catarinense do início século XIX como uma sociedade plural, estabelecida sobre relações entre grupos sociais diferentes. Além disso, apreende-se o quanto era amplo o campo de possibilidades abertas aos ex-escravos, e o quanto poderiam ser diversificadas suas escolhas. Variedade observada em dois instantes especiais. Na escolha de um parceiro(a) para casar [...] E no momento de escolher um padrinho para as crianças [...]²³.

As “possibilidades abertas” citadas correspondem às ocorrências de uniões entre libertos, de libertos com escravas, ou de africanos que possuíam em comum os países de origem, indicando, segundo a autora, uma forma de “estabelecer fronteiras entre o “nós” e os “outros”²⁴. Em relação aos batizados, foram percebidos padrinhos com situações jurídicas de livres, cativos, ou libertos, evidenciando que as trajetórias de vidas destas pessoas em muitos casos seguiam cursos diferentes em situações semelhantes²⁵.

¹⁹ BOAVENTURA, Ilka Leite. **As classificações étnicas**. Disponível em: <http://www.nuer.ufsc.br/asclassificacoesetnicas.html>. Acesso em: 10 set. 2010.

²⁰ CARDOSO, Paulino de Jesus; MORTARI, Claudia. Territórios negros em Santa Catarina: In: BRANCHER, Ana Lice (Org.). **Estudos Contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 83.

²¹ WAGNER, Ana Paula. Uma vida em comum: Africanos libertos e seus arranjos familiares em Desterro (1800-1819). In: BRANCHER, Ana Lice; AREND, Sílvia Maria Fávero (Org.). **História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX**. Florianópolis: UFSC, 2004, p.160.

²² Ibid., p. 150.

²³ Ibid., p. 172.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

Em Desterro (Florianópolis), no século XIX, os africanos em grande parte exerciam o trabalho nas quitandas, como jornaleiros, na iluminação pública, como cozinheiras, amas-de-leite, entre outras funções que, segundo Cardoso e Mortari, indicam que os mesmos constantemente poderiam ser vistos circulando pela cidade²⁶. Buscava-se controlar estas transladações com o código de posturas de 1845 proibindo “o ajuntamento de negros escravos, seja no jogo nas ruas e praças, nas reuniões para as danças, nos alugueis de casas para morarem sozinhos” entre outras limitações que, segundo jornais da época, eram constantemente transgredidas com fugas e insubmissões²⁷.

No século XX tais funções passaram a ser percebidas como sinônimo de atraso, sendo eliminadas²⁸. Os ideais de modernização que envolveu Florianópolis afastaram também do convívio urbano a circulação de escravos e seus descendentes, relegando-os a áreas com poucos recursos e de marginalidade social²⁹.

A reelaboração dos novos territórios afrodescendentes a partir do século XX, em Santa Catarina, aproximou-se das ações destinadas à construção de identidades positivas, principalmente a partir da visibilidade proporcionada pelas escolas de samba, locais em que “os descendentes de africanos ocuparão o espaço das ruas de forma inexorável, rompendo o silêncio e o anonimato a que estavam confinados”³⁰. Segundo Cardoso e Mortari, as escolas de samba, a partir de 1940, apresentaram-se como importantes meios para busca de espaço e visibilidades públicas³¹.

Entre os elementos culturais apresentados por Boaventura como constantes em grupos afro-descendentes no estado, encontram-se o cacumbi, o batuque, o culto aos mortos e o carnaval, entre muitas outras características³². Pode-se observar que fortemente buscou-se limitar grande parte destas manifestações culturais populares, principalmente a partir dos anseios de modernidade observados no estado durante o século XX, por outro lado, várias

²⁶ CARDOSO; MORTARI, op.cit., p. 88.

²⁷ Ibid., p. 88-89.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid., p. 92.

³⁰ TRAMONTE, Cristina. **Brasilidade e Umbanda em Santa Catarina: confrontando signos identitários**. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/cd2008/artigos/JornadasBolivarianas_Brasilidade_e_umbanda_2008.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010, p. 3.

³¹ CARDOSO; MORTARI, op.cit., p. 96.

³² BOAVENTURA, op. cit., 2010.

práticas culturais apresentaram-se nitidamente em sentido de resistências identitárias.

A partir de Irmandades como a de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, surgidas em Desterro por volta de 1750, como um meio em que expressões identitárias de pessoas libertas ou cativas poderiam ser exercidas, em espaços culturais que primavam pela solidariedade; muitos afrodescendentes puderam, em constantes interações, reelaborar aspectos de suas culturas³³. No Brasil, segundo Silva, em geral, tais entidades exerciam ações “caritativas, como compra de cartas de alforria para seus membros escravos, através de sorteio; cursos de alfabetização para os filhos dos membros da Irmandade, diária para enfermos e pensão para inválidos”³⁴.

Em Santa Catarina, o cacumbi, elemento cultural afro-brasileiro, aparece vinculado às procissões em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Assim como em outras regiões do Brasil, o cacumbi é envolvido pelo “catolicismo popular negro” que por meio de “trovas, bandeiras, roupagens, tambores, e espadas, instrumentos presentes na dança” coroavam seus reis e rainhas³⁵.

São poucas as pesquisas destinadas ao estudo do cacumbi, mas pode-se perceber nas danças e festejos envolvendo as homenagens a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, aspectos da cultura africana presentes em práticas populares em Santa Catarina.

Outro aspecto da cultura afro-brasileira ligado às irmandades refere-se aos cuidados com os mortos em rituais de passagem, na qual as irmandades comprometiam-se em solidariedade não importando de qual classe social os mesmos provinham³⁶. Em Desterro, os sinos eram tocados em todas as ocasiões de mortes, com membros das irmandades participando em alguns casos na condução do corpo, ou com tochas durante o enterro, em cerimônias envolvidas por diversas características de origens africanas, aos “sons de tambores, cantos, danças,

³³ CARDOSO; MORTARI, op.cit., p. 89.

³⁴ SILVA, Jaime José Santos. **Danças, tambores e festejos**: aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX. Disponível em: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/downloadSuppFile/38/10>. Acesso em: 20 set. 2010, p. 39.

³⁵ Ibid., p. 38.

³⁶ CARDOSO; MORTARI, op.cit., p. 90.

refeições copiosas, declamações” entre outras manifestações que demonstram os vínculos de solidariedade existentes dentro das comunidades afro-descendentes³⁷.

As religiões afro-brasileiras em Santa Catarina em grande parte são envolvidas por invisibilidades, folclorizações, preconceitos e repressões no sentido de supressão de suas manifestações e existências. Em Desterro/Florianópolis podem ser percebidas desde o século XIX, tendo como expressões iniciais “benzedeiras, rezadeiras, feiticeiras e curandeiros” e, a partir de 1940, terreiros institucionalizados³⁸.

Tramonte evidencia que as religiões afro-brasileiras foram se desenvolvendo “de maneira silenciosa e lenta, intimista, cuidadosa, e habilidosa, enraizando-se profundamente, passo a passo, formando uma densa rede invisível”, em disseminação por toda Florianópolis, oferecendo curas psicológicas e físicas inicialmente aos que possuíam poucos recursos financeiros³⁹.

As religiões afro-brasileiras durante o século XIX, em Desterro, eram violentamente reprimidas, por serem manifestadas por africanos que constituíam um grupo excluído e marginalizado socialmente⁴⁰ e percebidas como manifestações de ignorância e charlatanismo⁴¹. Tramonte aponta que entre 1940 e 1960, ainda envolvidas em batidas policiais, perseguições, e estigmatizações, buscaram maiores espaços em meio aos preconceitos existentes, e somente a partir de 1970 e 1980 os terreiros aparecem com maior visibilidade pública em Florianópolis⁴².

Nos dias atuais, o assumir-se *médium* e a autorrealização do desenvolvimento espiritual ainda revela-se inicialmente um caminho difícil aos adeptos das religiões afro-brasileiras, pois inclui oposições familiares e preconceitos sociais⁴³.

Tramonte aponta alguns elementos importantes na motivação para a integração na atualidade, de novos médiuns às religiões afro-brasileiras, tais como; percepção extrassensorial desenvolvida, dificilmente encontrada em “pessoas comuns”⁴⁴, o oferecimento de curas físicas e psicológicas⁴⁵, a incorporação súbita de

³⁷ Ibid., p. 91.

³⁸ TRAMONTE, op.cit., 2010. p. 1.

³⁹ Ibid., p. 3.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid., p. 4.

⁴² Ibid., p. 7.

⁴³ TRAMONTE, Cristina. **Com a Bandeira de Oxalá!** Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras da Grande Florianópolis. Itajaí/Florianópolis: Univali/Lunardelli, 2001, p. 359.

⁴⁴ Ibid., p. 352.

guias espirituais nos corpos de determinadas pessoas, indicando que os mesmos foram escolhidos para a função, e, em alguns casos, o prosseguimento da tradição cultural religiosa na família⁴⁶.

Em geral, a análise de aspectos identitários da cultura afro-descendente em Santa Catarina como o cacumbi, a religiosidade, as Irmandades e o carnaval revela que são poucas as pesquisas destinadas às evidências destas características culturais no estado. Grande parte das informações encontradas refere-se à Desterro/Florianópolis; limitando a percepção sobre estas manifestações identitárias também em outras regiões de Santa Catarina, fragmentando a visão sobre os aspectos culturais relacionados aos grupos étnicos afro-descendentes.

⁴⁵ Ibid., p. 350.

⁴⁶ TRAMONTE, op.cit., 2001, p. 354.

3 A INVISIBILIDADE DOS AFRO-DESCENDENTES NA HISTORIOGRAFIA OFICIAL DE CRICIÚMA

A historiografia de Criciúma se vinculada principalmente a narrativas que ressaltam o progresso político e econômico da cidade, exaltando os feitos da imigração europeia, sendo caracterizada por discursos tradicionais⁴⁷. Este capítulo analisa de que forma o grupo afro-descendente foi visibilizado na historiografia da cidade a partir da década de 1980, período de reelaboração identitária do município, e como atualmente os mesmos são retratados pela história oficial e em pesquisas acadêmicas.

A história das populações africanas e afro-descendentes na historiografia oficial de Criciúma, nos poucos momentos em que são relatadas, comumente refere-se à ligação com a mineração de carvão na cidade. Pode-se constatar que as manifestações culturais dos afro-descendentes foram diluídas dos e nos discursos oficiais, favorecendo a exaltação de outros grupos étnicos, e do histórico ligado à mineração. Praticamente não existem registros escritos sobre o trabalho das mulheres, a constituição das primeiras famílias, em geral as primeiras articulações e manifestações dos afro-descendentes em Criciúma que não estejam ligadas ao carvão⁴⁸.

O grupo étnico italiano é apontado como fundador de Criciúma a partir de trinta famílias que, em 06 de janeiro de 1880, se fixaram ao lado de um “barracão erguido e abandonado por alguns sertanistas”⁴⁹, segundo consta no livro que relata a história dos grupos étnicos considerados formadores da cidade, entre eles, afro-descendentes, alemães, italianos, poloneses e portugueses, intitulado *Criciúma 1880-1890: a semente deu bons frutos*, sob a coordenação de Otília Arns e publicado em 1985⁵⁰. A pesquisa foi encomendada devido ao centenário de

⁴⁷ Sobre História Tradicional e Nova História conferir: BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 7-37.

⁴⁸ MANOEL, Iolanda Romeli Lima (Org.). CRICIÚMA (SC) Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Negros e negras em Criciúma: A implementação da Lei 10.639/03 e as personagens de uma história desconhecida**. Itajaí, SC: Maria do Cais, 2008, p. 14.

⁴⁹ ARNS apud SPRÍCIGO, Antônio César. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados: escravidão na freguesia do Araranguá no Século XIX**. Caxias do Sul, RS. 2007, p. 57.

⁵⁰ Ibid.

Criciúma, na década de 1980, e em geral cultura do imigrante europeu e o “progresso do carvão”⁵¹.

Segundo Arns, os afro-descendentes estão presentes em todas as cidades que formam o sul catarinense⁵², e em Criciúma sua presença inicialmente destinava-se à busca por empregos nas minas de carvão ou na estrada de ferro Dona Teresa Cristina⁵³. Oriundos de localidades vizinhas como Laguna, Jaguaruna, Morro Grande entre outras⁵⁴, estas primeiras presenças na história oficial da cidade apontam que “o primeiro pioneiro negro se fixou em Criciúma em 1905; um grupo de sete chegou em 1910; um, Manuel Estevão, em 1912; um, em 1917 e, mais dois, entre 1919 e 1921; outros penetraram em épocas posteriores”⁵⁵.

De fato, a mineração de carvão em Criciúma atrai para a cidade grande contingente populacional, e podem-se incluir descendentes de escravos que percebiam na nova atividade econômica a possibilidade de uma vida melhor⁵⁶.

Há evidências de que antes da chegada dos italianos em Criciúma alguns descendentes de portugueses possuidores de escravos habitavam a região, segundo indícios encontrados em inventários de *post-mortem* referentes à freguesia do Araranguá, por Sprícigo, indicando que:

Não era difícil nem improvável que famílias estivessem ocupando terras nas proximidades do local onde Criciúma fora edificada. Porém, como já mencionamos as habitações espalhadas esparsamente numa grande área, não tenham dado a conotação de ocupação que os imigrantes Italianos deram quando sua chegada, criando um núcleo inicial de colonização⁵⁷.

Além das evidências de outras populações na região de Criciúma e locais próximos, a existência do barracão encontrado pelas primeiras famílias Italianas que supostamente teria sido erguido por sertanistas abre a possibilidade para uma interpretação divergente da atestada por Arns, como evidencia Sprícigo:

O registro da presença de um barracão erguido por sertanistas próximo a um riacho, demonstra a presença de população naquele local antes dos imigrantes Italianos, e que essa construção no meio da mata, talvez não fosse obra de sertanista e sim de moradores que utilizaram aquela área para alguma finalidade. Barracões eram utilizados como abrigo para

⁵¹ CAROLA, Carlos Renato et al. **Perfil étnico no município de Criciúma**. Criciúma, SC: UNESC, 2003, p. 18.

⁵² ARNS, Otília. **Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos**, 1985, p. 104.

⁵³ Ibid., p. 106.

⁵⁴ MANOEL, op.cit., p. 14.

⁵⁵ ARNS, op. cit, p. 105.

⁵⁶ SPRÍCIGO, op. cit., p. 63-64.

⁵⁷ Ibid., p. 59.

engenhocas de cana-de-açúcar e farinha de mandioca. A nosso ver, dificilmente moradores do litoral construiriam barracões no interior da freguesia do Araranguá, apenas como posto avançado⁵⁸.

Tanto nos discursos do centenário, quando no livro escrito por Arns sobre as etnias que contribuíram na formação de Criciúma, os “conflitos étnicos, as relações de exploração e dominação não aparecem”⁵⁹, porém o que se pode perceber na historiografia oficial é a exaltação dos imigrantes europeus em detrimento da invisibilidade de outros grupos étnicos, entre eles o grupo afro-descendente, que na cidade comumente ocupam as áreas periféricas, em geral com poucos recursos.

Os italianos são também apresentados pela história oficial integrados em todas as atividades produtivas que tiveram inicialmente certa relevância em Criciúma tais como: a “execução de trabalhos nas serrarias, atafonas, marcenarias, olarias, alfaiatarias, frigoríficos entre outras”⁶⁰, vinculando o desenvolvimento da cidade principalmente à etnia italiana. Em geral, o imigrante de origem europeia foi retratado como “sendo pioneiro, desbravador, dado ao trabalho religioso e com forte espírito de família”⁶¹.

No referido livro escrito por Arns, a história de quase todas as etnias tem início a partir do século XIX, com exceções dos Carijós, Xokleng, luso-brasileiros, afro-descendentes, entre outros⁶². Os afro-descendentes tiveram sua história relatada apenas a partir do século XX, não fornecendo nenhuma informação anterior, sendo que, segundo o historiador Sprícigo, em sua dissertação de mestrado sobre a escravidão em Araranguá no século XIX, sabe-se que a origem dos mesmos vincula-se “a algumas localidades de ocupação muito antiga, como Urussanga Velha, Morro dos Conventos, Sombrio, todas próximas a Criciúma”⁶³, sendo que, de acordo com a produção de Arns, os afro-descendentes teriam sido os últimos a chegar à cidade, enquanto que os Italianos os primeiros⁶⁴.

O discurso historiográfico tradicional de exaltação ao imigrante de origem europeia ainda mantém-se presente em algumas das publicações recentes sobre a

⁵⁸ Ibid., p. 59.

⁵⁹ CAROLA, op. cit., p. 22.

⁶⁰ SPRÍCIGO, op. cit., p. 61.

⁶¹ CAROLA, op. cit., p.10.

⁶² Ibid.

⁶³ SPRÍCIGO, op. cit., p. 65.

⁶⁴ Ibid., p. 62.

colonização e formação de Criciúma, em que as contribuições dos vários grupos étnicos existentes no município são referenciadas, como na obra lançada em 2007 sob autoria de Archimedes Naspolini Filho intitulada *De Cresciúma a Criciúma 1880-1960*, destinada, segundo o autor, principalmente ao uso escolar⁶⁵.

O livro escrito por Naspolini Filho, dividido em dois volumes, apresenta basicamente a história da imigração italiana em Criciúma, fortemente documentada desde a partida dos imigrantes da Itália, o desembarque no Brasil no Rio de Janeiro, as primeiras famílias no município, a participação inicial das mulheres italianas, os divertimentos, entre outros elementos⁶⁶. O autor destinou quatro páginas no primeiro volume para a história dos grupos afro-descendentes, alemães, espanhóis, e poloneses, no qual apresenta o período de chegada dos afro-descendentes em Criciúma, determinado pelos períodos entre 1905 a 1912, não referenciando indícios destas presenças em períodos anteriores⁶⁷.

Naspolini Filho demarca a Operária Velha, atual Santa Bárbara, como sendo a localidade em que primeiramente teriam se dirigido os afro-descendentes em Criciúma, motivados pela busca por empregos na construção da estrada de ferro e nas minas de carvão⁶⁸. O autor inicia a discussão sobre os afro-descendentes em Criciúma referindo-se à miscigenação na formação étnica da cidade; comentando a “injustiça” que paira sobre o grupo por não se atribuir suas designações aos seus países de origem, e não apresenta outras informações sobre suas trajetórias na cidade⁶⁹.

No segundo volume, Naspolini Filho se atém ao que “Faltou dizer”⁷⁰ no primeiro volume, mantendo a perspectiva dos apontamentos relacionados à história dos imigrantes Italianos e seus descendentes em Criciúma. Em análise da obra, podem-se citar alguns outros elementos que “Faltou dizer” em relação à história das mulheres e crianças afro-descendentes, a respeito da espiritualidade, diversões e espaços de sociabilidades, entre outras características específicas do grupo étnico afro-descendente em Criciúma, a exemplo do que fortemente se percebem referenciados em relação à história dos imigrantes europeus.

⁶⁵ NASPOLINI FILHO, Archimedes. **De Cresciúma a Criciúma**: 1880-1960. Criciúma: do Autor, 2007, p. 11.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid., p. 47-50.

⁶⁸ Ibid., p. 50.

⁶⁹ Ibid., p. 49.

⁷⁰ NASPOLINI FILHO, Archimedes. **De Cresciúma a Criciúma**: 1880-1960. Criciúma: do Autor, 2008, p. 17.

De forma geral, “os índios, as mulheres, os negros, os açorianos, os brasileiros, os(as) operários(as) ficaram marginalizados ou esquecidos”⁷¹ na história oficial de Criciúma, mas a quase não ocorrência de registros não indica necessariamente que tais articulações foram inexistentes, mas que devem ser visibilizadas nas próximas pesquisas.

3.1 Novas perspectivas para a visibilidade das populações afrodescendentes em Criciúma

As discussões sobre os grupos étnicos que possuem suas presenças percebidas em Criciúma foram ampliadas na década de 1980, devido às ações que visaram à mudança da identidade de Criciúma, de “capital do carvão” para “cidade das etnias”.

Segundo o historiador Zampolli, no centenário de Criciúma inaugura-se o monumento em homenagem “aos diferentes povos que construíram a cidade, africanos, alemães, Italianos, poloneses e portugueses” na qual é evidenciada também “a convivência harmoniosa entre as etnias”⁷², elemento que indica o mito da democracia racial na cidade.

Além das discussões sobre a mudança da identidade que identifica Criciúma em nível nacional, a abertura para a visibilidade étnica de outros grupos, além dos evidenciados comumente pela historiografia, vai de encontro com a criação do movimento negro no município, no fim da década de 1970, nomeado de Associação da Etnia Negra de Tradição e Cultura, por Clotilde Maria Martins Lalau e Wilson Lalau⁷³.

Segundo Krauss, a entidade “visava a valorização da cultura africana e afro-brasileira e denunciar as manifestações de racismo sem se envolver com a política”⁷⁴. A partir da década de 1970, o movimento negro em Criciúma agia valorizando e incentivando as manifestações culturais e discussões sobre a situação

⁷¹ CAROLA, op. cit., p. 13.

⁷² ZAMPOLLI, Fábio Alexandre Belloli. Nos festejos do centenário: a cidade das etnias. In: GONÇALVES, Gesiel S. (Org.). **Aconteceu no Século XX: momentos que movimentaram Criciúma**. Criciúma: do Autor, 2003. 129-138 p.

⁷³ KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotilde Lalau: reflexões sobre a presença feminina no movimento negro em Criciúma (1970-1985)**. Monografia, UNESC. Criciúma, 2007, p. 21.

⁷⁴ Ibid., p. 21.

do afro-descendente na cidade, contribuindo principalmente na construção de identidades étnicas positivas.

Dentro deste contexto de visibilidade dos outros grupos étnicos formadores de Criciúma, além dos constantemente evidenciados pela historiografia tradicional, devido à criação do movimento negro e mudança na identidade de Criciúma, novos estudos foram e têm sido realizados apontando elementos não referenciados pela história oficial. Em grande parte são pesquisas acadêmicas sobre as invisibilidades percebidas nos relatos oficiais, e mais recentemente estudos envolvendo a lei 10.639/03, que estabelece o ensino da história da África e cultura afro-brasileira nas escolas; neste sentido, através de pesquisas busca-se evidenciar elementos culturais que envolvam o grupo étnico afro-descendente na cidade, como religiosidade, carnaval, os trabalhos exercidos pelas mulheres afro-descendentes, os espaços de sociabilidades, entre outros.

Nos últimos tempos, o capítulo referente às características culturais e a contribuição dos afro-descendentes no livro escrito por Arns tem recebido algumas críticas em pesquisas sobre a presença dos mesmos na cidade. Entre as pesquisas que se destinam a evidenciar as variáveis étnicas na formação de Criciúma, pode-se citar a monografia do historiador Ribeiro sobre a diversidade étnica na cidade e região antes de 1880, ou seja, da chegada dos imigrantes italianos e, posteriormente; neste sentido, o que foi registrado por Arns.

Ribeiro, considerando que, oficialmente, somente em 1925 Criciúma acenderia a condição de cidade emancipada, até o determinado período manteve-se distrito de Araranguá, ou seja, estando “encravada entre dois distritos, no caso Araranguá e Laguna, estava localizada numa região com notória presença de população negra antes de 1880”⁷⁵.

O mesmo autor ainda cita que após a Guerra do Paraguai (1865-1870) alguns descendentes de africanos teriam permanecido na região do sul de Santa Catarina⁷⁶, indicando que antes mesmo da chegada dos Italianos já existiam afro-descendentes nesta região; apresentando elementos da trajetória destas populações ainda no século XIX no sul de Santa Catarina, indícios que não entraram na historiografia oficial.

⁷⁵ RIBEIRO, Ivan de Souza. **Presença e invisibilidade da população negra em Criciúma e região do período anterior e posterior à sua "fundação" (1880) e o contexto histórico relativo no Brasil**. Monografia (Especialização em História Social e Cultura). UNESC. Criciúma, 2005, p. 12.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 27.

Em geral, Ribeiro critica a não referência aos critérios de análise das entrevistas obtidas com os membros do grupo étnico afro-descendente⁷⁷, a folclorização quando Arns evidencia a música como principal contribuição dos mesmos⁷⁸, a indução sobre a falta de interesse educacional destas populações e a não valorização da cultura devido a apenas um dos entrevistados ter se referido à educação, o discurso das relações harmônicas entre os primeiros habitantes com outros grupos étnicos⁷⁹, a atribuição da religião católica aos afro-descendentes da cidade e a referência somente uma única vez à Umbanda, e de forma superficial⁸⁰.

Entre as novas pesquisas destinadas à análise dos elementos não referenciados pela historiografia oficial de Criciúma, pode-se citar também o estudo realizado pelos historiadores Mazzuchetti e Pavei, publicado em artigo na Revista de História – Tempos Acadêmicos, na qual são apresentados outros indícios obtidos através da oralidade apontando que na comunidade de Quarta Linha, região considerada eminentemente colonizada por italianos, antes da chegada dos mesmos, já constava a presença de alemães⁸¹ que “foram vendendo suas terras aos italianos e saindo da Quarta Linha”⁸². No Morro Albino a oralidade também indica que além dos embates com os índios da região; alguns açorianos “podem ter sido expulsos para que as empresas colonizadoras dispusessem das terras desembargadas aos imigrantes que chegavam”⁸³.

A presença de ex-escravos em Criciúma antes da chegada dos italianos, segundo Mazzuchetti e Pavei, aparece em relatos orais referentes à existência de um homem de nome Estevão fugido da escravidão de Jaguaruna que “viveu como eremita por muitos anos, de caça, coleta e plantios rudimentares”, estabelecendo-se no Morro Estevão, denominação que, segundo os mesmos relatos, associa o nome da localidade a este ex-habitante⁸⁴.

Em recente pesquisa sobre o perfil étnico de Criciúma realizada em 2003, o historiador Carola, objetivando perceber quais características étnicas predominam

⁷⁷ RIBEIRO, op.cit., p. 37.

⁷⁸ Ibid., p. 36.

⁷⁹ Ibid., p. 38.

⁸⁰ Ibid., p. 41.

⁸¹ MAZZUCHETTI, Fernando; PAVEI, Dalana. Outros sujeitos na colonização de Criciúma. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, SC, v.1, n. 1, dez. 2003, p. 58-59.

⁸² Ibid., p. 61.

⁸³ Ibid., p. 62.

⁸⁴ Ibid., p. 63-64.

na cidade, e qual a frequência de miscigenação dos habitantes⁸⁵, analisou os sobrenomes cadastrados na CELESC, chegando através dos dados fornecidos pela companhia ao total de 912 ocorrências de sobrenomes alemães, 11 de origem árabe, 349 espanhóis, 7.075 italianos, 252 poloneses e 20.160 correspondentes às etnias açorianas, portuguesas e afro-descendentes; a junção dos três grupos, segundo o autor, ocorre devido às semelhanças dos sobrenomes, totalizando em 29.493 as citações dos sobrenomes analisados⁸⁶.

Apesar das dificuldades em se quantificar o número de pessoas que pertencem a cada grupo étnico em Criciúma, estes dados transmitem algumas informações importantes sobre estas presenças na cidade.

A partir da análise dos dados da CELESC e da Prefeitura Municipal de Criciúma, através do IPTU, este último utilizado para a localização dos grupos étnicos em cada bairro, o autor da pesquisa citada constata que 70% da população criciumense são de luso-brasileiros, ou seja, açorianos e afro-descendentes e não de predominância italiana, como apresenta a história oficial⁸⁷. Cabe lembrar que, de acordo com Boaventura⁸⁸, os chamados “luso-brasileiros” assim como os afro-descendentes em Santa Catarina também são percebidos como um grupo étnico minoritário, em favorecimento das presenças de descendentes de imigrantes europeus.

Desses 70% de luso-brasileiros, segundo o IBGE (2000), 7,44% são referentes aos afro-descendentes⁸⁹. Carola ainda cita que “o percentual de negros no município pode ser maior e alguns militantes negros afirmam que eles são de 20%”, apresentando a hipótese de que devido ao pré-conceito existente muitos não se identificam como afro-descendentes⁹⁰. De qualquer forma, a pesquisa evidencia que os descendentes de açorianos são o grupo étnico percebido como maioria. Em relação à miscigenação, o estudo revelou, através da análise dos dados obtidos em pesquisa de campo realizada pelo IPAT, que a frequência tem aumentado nos últimos anos⁹¹.

⁸⁵ CAROLA, op. cit., p. 7-8.

⁸⁶ Ibid., p. 34.

⁸⁷ Ibid., p. 37.

⁸⁸ BOAVENTURA, op. cit, 2010, p. 38.

⁸⁹ Ibid., p. 38.

⁹⁰ Ibid., p. 45.

⁹¹ Ibid., p. 58.

Em estudo sobre os espaços de visibilidade destinados à população afro-descendente, pela imprensa cricumense, em termos de religiosidade, carnaval e movimento negro entre 1950 a 1980, Manenti percebe, a partir da pesquisa e análise de quatro periódicos locais, sendo eles: Tribuna Criciumense, O Independente, Jornal do Sul e O Crivo, a falta de representatividade e cuidados no que tange a abordagem dos assuntos referentes à cultura dos mesmos em jornais da cidade⁹².

A única reportagem encontrada por Manenti envolvendo a religiosidade, no ano de 1956, destina-se originalmente apresentar o trabalho de um artista local, mostrando no escrito fortes tendências depreciativas em relação à Umbanda, religião de matriz africana, classificando seus adeptos como “sectários da magia negra” entre outros dizeres pejorativos⁹³.

As publicações envolvendo o samba e o carnaval apareceram em maior quantidade, sendo 271 encontradas em matérias da Tribuna Criciumense e 4 no jornal O Independente⁹⁴. São publicações em grande parte focadas nas festas de clubes realizadas pelas elites, invisibilizando as manifestações culturais dos afro-descendentes na cidade⁹⁵.

Através do estudo de Manenti, percebe-se que a ampliação das publicações referentes aos encontros culturais promovidos pelo movimento negro de Criciúma acontece a partir da década de 1970, ainda em meio a colocações e referências depreciativas⁹⁶. As publicações encontradas sobre o movimento negro e negritude na Tribuna Criciumense foram de 74, no Jornal do Sul 4 e apenas 1 no O Crivo, somando ao todo 79 artigos publicados na imprensa de Criciúma envolvendo o assunto, número bastante reduzido se se considerar que a delimitação temporal da pesquisa aborda 30 anos de artigos publicados⁹⁷.

Algumas monografias acadêmicas se destinam às visibilidades das mulheres afro-descendentes em Criciúma. Dentro desta perspectiva, Krauss historiciza a trajetória de Clotilde Maria Martins Lalau, citada anteriormente devido à sua contribuição na formação do movimento negro na cidade, objetivando a visibilidade das mulheres dentro do movimento; diante da grande importância

⁹² MANENTI, Tamara Domingos. **Religiosidade, carnaval e movimento negro em Criciúma (1950-1980): o que a imprensa local tem a dizer sobre isso?** Criciúma, SC: UNESC, 2005, p. 5-6.

⁹³ YEMANJÁ, Pierre. H. Tribuna Criciumense. Criciúma, 08 out. 1956 apud MANENTI, op. cit., p. 9.

⁹⁴ MANENTI, op.cit., p. 6.

⁹⁵ Ibid., p. 18.

⁹⁶ Ibid., p. 24.

⁹⁷ Ibid., p. 6.

exercida na denúncia do preconceito e da discriminação em Criciúma por Clotilde Maria Martins Lalau, em muitas ocasiões sob o pseudônimo de *tulipa negra*, escrevendo artigos denunciando as situações em que o racismo era evidente⁹⁸, contribuindo também na educação do município como professora normalista, ao incentivar os afro-descendentes de Criciúma a estudar, pois percebia a educação como um meio de ascensão social⁹⁹.

Moraes José, em monografia de conclusão do curso de História, destinada à análise das trajetórias de “mães solteiras” em Criciúma nas décadas de 1960 a 1980, evidencia a história de duas mulheres afro-descendentes, Maria Aparecida da Rosa e Onélia Alano da Rosa, que em determinado momento de suas vidas tiveram que, sozinhas, criar seus filhos e assegurar suas sobrevivências, em trajetórias que expressam a busca por melhores condições sem o auxílio de um companheiro¹⁰⁰.

A partir do relato de Maria Aparecida da Rosa, Moraes José percebe a presença de muitas mulheres afro-descendentes em cargos “considerados inferiores, em trabalhos braçais e mal remunerados”¹⁰¹, como no caso citado, o trabalho doméstico, que comumente fica a cargo de mulheres afro-descendentes.

A trajetória de Onélia Alano da Rosa, assim como a de outras mulheres de sua família citadas pela mesma, apresenta outros exemplos de luta para a criação e sustento de suas famílias. Em seu relato, pode-se perceber também a dificuldade e o preconceito enfrentado por “mães solteiras” em Criciúma, quando a mesma conta que “uma mulher separada não ia a festas, não ia, a não ser casamentos e aniversários de familiares”, tendo suas vidas limitadas devido ao conservadorismo existente na cidade, no caso sendo acentuado devido a sua condição étnica¹⁰².

Em relação à visibilidade das mulheres afro-descendentes em Criciúma, dentro da perspectiva das produções destinadas ao ensino da cultura afro-brasileira nas escolas a partir da implementação da lei 10.639/03, no caderno pedagógico *Negros e Negras em Criciúma*, a educadora Lima et al apresenta pesquisa realizada sobre as “professoras negras do bairro Pinheirinho” em vista da grande presença de

⁹⁸ KRAUSS, op.cit., p. 32.

⁹⁹ Ibid., p. 29.

¹⁰⁰ JOSÉ, Samira de Moraes. **Maria Aparecida e Onélia**: reflexões de ser mulher, negra, mãe e sozinha em Criciúma nas décadas de 1960 a 1980. Monografia. UNESCO, Criciúma, 2006.

¹⁰¹ Ibid., p. 29.

¹⁰² Onélia Alano da Rosa. Apud JOSÉ, op. cit., p. 34.

mulheres de origem afro-descendente que exercem esta profissão, e discute a formação identitária das mesmas nas escolas públicas de Criciúma¹⁰³.

A oralidade evidencia que a profissão em muitos casos apresenta-se como única opção¹⁰⁴, envolvendo constantemente a resistência diante da discriminação, e dificuldades na busca por empregos e também nas situações de preconceito proliferados muitas vezes nas próprias instituições escolares em que trabalham¹⁰⁵. Outro elemento percebido nos relatos das professoras entrevistadas é a presença de professoras afro-descendentes em movimentos sociais, tais como o Movimento Negro e Sindicato dos Trabalhadores em Educação¹⁰⁶.

Em artigo sobre o samba e a religiosidade afro-brasileira no bairro Santo Antônio, publicado no caderno pedagógico citado anteriormente, a educadora Lima et al apresenta algumas informações sobre o carnaval de rua organizado na localidade.

Enquanto algumas festas aconteciam em clubes da cidade, a exemplo do clube Mampituba, muitos dos descendentes de italianos que não tinham grandes ligações com a festa, ali se reuniam¹⁰⁷, já no Santo Antônio, os divertimentos envolviam inicialmente blocos de rua. As organizações das festas eram extremamente cuidadosas, pois os blocos existentes evitavam ter suas músicas e fantasias descobertas pelos blocos “rivais”¹⁰⁸. Sob as cores amarela, vermelha e azul, a criação da primeira escola de samba de Criciúma envolveu essencialmente a participação de afro-descendentes, batizada de Vila Isabel, e originou-se na Operária Nova, sob a direção de Enedina Alano, José Bento e Romeu.¹⁰⁹

Em relação às manifestações religiosas de matrizes africanas na cidade não existem registros precisos sobre “a estruturação do batuque”, mas existem indícios de que o início teria ocorrido na década de 1950¹¹⁰, com a abertura no bairro Santo Antônio pela mãe de santo Antoninha do primeiro terreiro de Umbanda, que por muito tempo foi alvo de constante preconceito¹¹¹.

¹⁰³ MANOEL, op. cit., p. 86.

¹⁰⁴ Ibid., p. 90.

¹⁰⁵ Ibid., p. 92.

¹⁰⁶ Ibid., p. 93.

¹⁰⁷ Ibid., p. 49.

¹⁰⁸ Ibid., p. 49-50.

¹⁰⁹ Ibid., p. 50.

¹¹⁰ Ibid., p. 76.

¹¹¹ Ibid., p. 61.

Em 1984, também no bairro Santo Antônio aconteceu a primeira missa afro, contendo cantos e ritos entre outras manifestações características das populações afro-descendentes, realizada após o culto tradicional da igreja católica, por um padre afro de outra paróquia, pois a sincronicidade entre os ritos ainda era vista com desconfiança e não muito bem aceitas¹¹².

Diante de todos estes elementos citados, pode-se apontar que não existiu uma preocupação historiográfica oficial em relatar os variados indícios da existência das populações africanas e afro-descendentes, ou dos que não tivessem origem europeia na região localizada nas proximidades da cidade de Criciúma, ou até mesmo o cuidado no sentido de registro das manifestações culturais das mesmas, coletivas ou individuais, incluindo a história das famílias, das mulheres e crianças, a religiosidade, os espaços de lazer e sociabilidade entre outras expressões.

¹¹² MANOEL, op. cit., p. 54.

4 A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICAS NO BAIRRO SANTA BÁRBARA

A constituição de identidades étnicas positivas está profundamente vinculada à visibilidade das manifestações culturais do grupo étnico pertencente.

No bairro Santa Bárbara, entre 1952 a 1964, período temporal de delimitação desta pesquisa, em muitas situações a manifestação de ações discriminatórias e a proliferação de referências pejorativas eram evidentes. Em um período em que as discussões sobre a construção de identidades étnicas ainda não estavam difundidas em Criciúma, esta pesquisa tem como problema: compreender como ocorriam as constituições e identificações identitárias das crianças moradoras do bairro Santa Bárbara no período delimitado, a partir de suas interações sociais no bairro e no grupo escolar Coelho Neto.

A infância apresenta-se como um período em que as primeiras identificações começam a ser elaboradas por meio de interações sociais nos espaços frequentados pela criança. Sarmiento¹¹³, referindo-se às culturas da infância, ressalta que nessa fase lhe é permitido:

[...] apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia, numa relação de convivência que permite exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do cotidiano, que assim funcionam como terapias para lidar com experiências negativas, ao mesmo tempo em que se estabelecem fronteiras de inclusão e exclusão (de gênero, de subgrupos etários, de status, etc.) que estão fortemente implicados nos processos de identificação social.

Os relatos orais aqui apresentados melhor evidenciaram elementos constantes em todas as narrativas referentes às primeiras identificações e elaborações vinculadas à etnicidade durante a infância dessas pessoas, em suas interações sociais. Segundo Bosi, a memória pessoal “é também uma memória social, familiar e grupal”¹¹⁴. Através da análise das lembranças de nove entrevistados, entre eles, sete afrodescendentes, um descendente de italianos e um descendente de poloneses, que entre 1952 a 1964 eram moradores do bairro Santa

¹¹³ SARMENTO, Jacinto Manuel. **Imaginário e culturas da infância**. Disponível em: http://www.cce.udesc.br/titosena/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf. Acesso em: 25 set. 2010, p. 2.

¹¹⁴ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 37.

Bárbara, e estudantes no Grupo Escolar Coelho Neto ou funcionários do mesmo, busca-se analisar o processo de desenvolvimento da consciência étnica.

A etnicidade enquanto organização social ordena as pessoas por meio de sua “origem suposta”, em processos nos quais as mesmas “identificam-se e são identificadas pelos outros” por meio de “traços culturais que se supõem derivados de uma origem comum” e que a partir das relações sociais são evidenciados¹¹⁵.

Para compreender a formação da identidade étnica dos afrodescendentes no bairro Santa Bárbara, local profundamente envolvido pela mineração, torna-se necessária uma breve contextualização do mesmo, a partir de situações em que se podem perceber manifestações étnicas sendo articuladas e exercidas.

A extração de carvão em Criciúma pela Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá – CBCA – teve início a partir de 1917, na “mina velha”, localizada no bairro Santo Antônio¹¹⁶. Em 1921, devido à necessidade de transporte do carvão extraído, inicia-se a construção da extensão da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina ligando o porto de Imbituba ao município de Araranguá, passando por Criciúma¹¹⁷. Este contexto é apontado pela historiografia oficial de Criciúma como um período de grande aumento populacional, devido à ampliação na oferta de trabalho nas minas e na construção da estrada de ferro, demarcando também a chegada dos afro-descendentes na cidade com maior expressividade¹¹⁸.

A anteriormente denominada Operária Velha, atual bairro Santa Bárbara, foi construída neste contexto de aumento populacional, pela CBCA, para abrigar os mineiros e suas famílias que chegavam a Criciúma, provindos de outras cidades em busca de empregos nas minas de carvão¹¹⁹. Inicialmente localizada na Rua Rio do Sul ou “peixe frito”, como é atualmente conhecida no bairro Santo Antônio, fazia ligação entre o mesmo e o distrito de Rio Maina¹²⁰.

Em geral, as vilas operárias em Criciúma localizavam-se nas proximidades das bocas de minas de carvão, com “casas de madeiras de três cômodos, quarto, sala, cozinha, a ‘patente’, o fogão a lenha” sendo aumentadas a

¹¹⁵ BARTH apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART; BARTH, op.cit., p. 141.

¹¹⁶ VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana**: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: UFSC, 1984, p. 31.

¹¹⁷ Ibid., p.31.

¹¹⁸ ARNS, op.cit., p. 106.

¹¹⁹ COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam**: memórias dos moradores do bairro Santo Antônio - Criciúma - SC: 1880/2000. Criciúma, SC: Secretaria Municipal de Educação, 2000, p. 69.

¹²⁰ Ibid., p. 69.

partir das necessidades de cada família¹²¹. As mineradoras construíam nas vilas operárias espaços de lazer, farmácias, escolas, padarias, armazéns, entre outros elementos da estrutura física¹²². No caso específico da Santa Bárbara, entre as várias transformações ocorridas na constituição do bairro localizavam-se: o escritório central da CBCA, a igreja de Santa Bárbara, o colégio Estadual Coelho Neto, o posto de saúde que atendia os moradores da região próxima, o clube União Mineira, o clube União Operária e o time de futebol Atlético Operário, entre outros elementos¹²³.

Em todas as nove entrevistas apareceram evidências de que entre os grupos étnicos existentes na Santa Bárbara entre 1952 a 1964, havia afro-descendentes, italianos, portugueses e poloneses. Em relação à distribuição das casas ocupadas pelos membros destes grupos, Anália José Lima¹²⁴ cita que:

Nós morávamos do lado dos Crispins que eram negros, e dos Vicente que eram negros, mas do lado dos Crispins moravam os Ronchi, e do lado dos Vicente, brancos também, então não tinha separação, aqui é tudo negro e aqui é tudo branco, era tudo misturado mesmo, mas como predominava negros, ali na nossa rua, [...] bem na frente da igreja era mais negros, mas por fora tinha muito terreno de Italiano [...].

Segundo Costa¹²⁵, no bairro Santa Bárbara moravam em grande quantidade os afro-descendentes que trabalhavam na mineração, e no Santo Antônio os descendentes de imigrantes italianos que se dedicavam à agricultura¹²⁶. Sobre o relacionamento entre os grupos existentes, Anália José Lima¹²⁷ ainda aponta que:

Os Crispim eram pessoas maravilhosas, eles tinham 12 filhos, e eu me lembro que as férias pra mim era a época que nós íamos para a área dos Crispim escutar história, e iam os Ronchi, todo mundo ia para a área deles, ai passava uma carroça de melancia seu Castorino Crispin comprava melancia pra todo mundo, o problema era quando a coisa era mais ampla,

¹²¹ BERNARDO, Terezinha Roseli. O Tempo e os espaços de entretenimento das famílias operárias mineiras. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 130.

¹²² Ibid., p.130.

¹²³ ROMANSINI, Sandra Regina Medeiros. **As mulheres e os filhos dos ébrios: a experiência da Vila Operária Nova – 1960-1970**. Criciúma, SC. Monografia, UNESC. Criciúma, 2001, p. 12.

¹²⁴ Anália José Lima. Afro-descendente, moradora do bairro Santa Bárbara no período delimitado. Nasceu em 19 de março de 1958, tendo sido aluna do Grupo Escolar Coelho Neto nos anos de 1964 a 1968. Entrevista citada, concedida em 06 de setembro de 2010, realizada por Rosana Peruchi Luiz.

¹²⁵ COSTA, op.cit., p. 70.

¹²⁶ Ibid., p. 70.

¹²⁷ Anália José Lima. Entrevista citada, 2010.

quando eu saí do Coelho Neto e fui para o Michel, foi terrível, então percebi que existia discriminação.

Bosi, em referência à constituição da memória familiar, ressalta que “a criança sente-se incluída no grupo familiar e no da vizinhança, suas lembranças brotam de um e outro, dada à íntima vivência com ambos”¹²⁸. Assim como na entrevista de Anália José Lima, em todas as outras o relacionamento entre os vizinhos foi positivado.

Sueli dos Passos Simão¹²⁹ cita que no bairro Santa Bárbara as brincadeiras envolviam “crianças negras” e “crianças brancas”. Diz ela: “a gente brincava muito, brincava de ré, brincava de roda, tinha o morro ali do União Operária, a gente descia e brincava naquele pasto, ali a gente brincava, contava história, conversava, cantava”, e em referência à convivência entre vizinhos, se refere aos grupos de negros, italianos e portugueses ao relatar como ocorria:

Éramos todos amigos, tinha o time da CBCA, era dos mineiros, a gente ia ao jogo junto, fazia festa, mas o clube ali era diferenciado, né? Lá embaixo no União Mineira era o clube dos brancos, e nós em cima o União Operária era o clube dos negros [...] no clube do União Mineira a gente não entrava, né? Eu inclusive na minha festa de formatura, eu não consegui entrar no clube pra dançar junto com os meus amigos, eu fui barrada na porta, eu e a minha amiga, na formatura do magistério, em 1970, em 71 acho, porque o presidente do clube falou que não queria que entrasse negros, negros não poderiam entrar, então isso aí me magoou muito, eu levei anos e anos pra entrar lá dentro, de tão magoada que eu fiquei [...].

Objetivando o controle dos operários mineiros em seus momentos de lazer fora da empresa, a fundação de times de futebol era incentivada pelas mineradoras¹³⁰. Na vila Operária Velha, o Atlético Operário Futebol Clube (Fig.1), time de mineiros da CBCA, foi fundado em 3 de maio de 1935, era conhecido como o “time dos pretos”, referência sobre a formação de o time envolver principalmente mineiros afro-descendentes¹³¹.

¹²⁸ BOSI, op.cit., p. 431.

¹²⁹ Sueli dos Passos Simão. Afro-descendente, estudante do Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 27 de março de 1946. Iniciou na escola em 1953. Entrevista citada, concedida em 01 de setembro de 2010, realizada por Rosana Peruchi Luiz.

¹³⁰ BERNARDO, op.cit., p. 134.

¹³¹ Ibid., p. 134.



Figura 1 – Time Atlético Operário Futebol Clube, em 1951.¹³²

A utilização de referências à cor da pele não era destinada apenas ao time de futebol do bairro, mas também ao clube União Operária, popularmente conhecido como o “clube dos pretos” ou “clube dos negros”. Segundo Ferreira¹³³, comumente utiliza-se de forma reducionista os traços fenóticos afro-descendentes, ou seja, a cor da pele para classificá-los em “negros” e “brancos”. Como relata Onélia Alano da Rosa¹³⁴, a forma utilizada para identificação dos afro-descendentes no bairro “era mesmo pela cor, era branco e negro”.

A Sociedade Recreativa União Operária, atualmente localizada entre a igreja de Santa Bárbara e o Grupo Escolar Coelho Neto, surgiu a partir da necessidade de um espaço em que os afro-descendentes no bairro Santa Bárbara pudessem livremente exercer suas subjetividades, pois eram impedidos de frequentar o clube União Mineira, popularmente conhecido como “clube dos brancos”¹³⁵. Na década de 1920, ainda no bairro Santo Antônio, segundo relatos orais evidenciados por Bernaldo¹³⁶, tem-se início as primeiras articulações para a

¹³² BERNALDO, Pedro Paulo. **Sociedade recreativa união operária: um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra cricumense (1950-1970)**. Monografia. UNESC, 2005, [s.e.].

¹³³ FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: FAPESP, 2004, p. 67.

¹³⁴ Onélia Alano da Rosa. Afro-descendente, professora do Grupo Escolar Coelho Neto. Nasceu em 10 de janeiro de 1942. Foi professora substituta na escola em 1953. Entrevista citada, concedida em 12 de fevereiro de 2008. Realizada por: Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

¹³⁵ BERNALDO, op.cit., p. 21.

¹³⁶ Ibid., p. 21.

criação de um espaço de lazer destinado aos afro-descendentes das proximidades, na casa de particulares, com a realização de danças aos domingos. Mas é somente em torno de 1946 que o estatuto do clube União Operária foi registrado no cartório de Urussanga¹³⁷.

As sociedades recreativas construídas nas vilas operárias eram utilizadas na realização de vários eventos, principalmente bailes¹³⁸. A partir destes espaços de socialização, pode-se perceber a segregação étnica existente em várias vilas operárias de Criciúma, inclusive no bairro Santa Bárbara. Em muitas vilas existiam duas sedes, uma frequentada exclusivamente por afro-descendentes e a outra por “brancos”, utilizando-se uma corda para separar os mesmos, quando existia apenas uma sede¹³⁹. Muitos dos afro-descendentes que não possuíam em suas vilas clubes próprios deslocavam-se a outras vilas. Segundo Bernardo, a “empresa mineradora reforçava a divisão étnica quando construía duas sedes recreativas”¹⁴⁰.

A existência destes dois clubes indica que fronteiras étnicas existiam no bairro Santa Bárbara. Poutignat e Fenart¹⁴¹, fundamentados em Barth, apontam que o sentimento de pertencimento a determinados grupos ocorre principalmente por meio da “demarcação entre os membros e não-membros” e da dicotomização Nós/Eles. Também em relação às fronteiras étnicas, Boaventura¹⁴² pontua que:

Os negros, isolados pelo preconceito racial, procuraram reconstruir uma tradição centrada no parentesco, na religião, na terra e nos valores morais cultivados ao longo de sua descendência. A tradição negra tem sido, comprovadamente, o próprio enfrentamento, a resistência cotidiana, a luta pela recuperação da auto-estima. Tanto nas áreas rurais como nas periféricas e urbanas, os negros consolidaram sua identidade social através da demarcação simbólica expressa por uma fronteira étnica que é construída ao longo de anos de resistência e em específicos e diversos contextos: na casa, na vila, no bairro, no clube, na rua, no bar.

No Clube União Operária, segundo Anália, em relação aos frequentadores diz que eram “famílias inteiras, nos domingos à tarde, dois suares, e à noite também famílias inteiras, era muita gente”. Todos os entrevistados para esta pesquisa utilizaram a existência do Clube União Operária e do Clube União Mineira para especificar como a discriminação e o preconceito eram manifestados, enquanto

¹³⁷ BERNALDO, op. cit., p. 23.

¹³⁸ BERNARDO, op.cit., p. 139.

¹³⁹ Ibid., p. 140.

¹⁴⁰ Ibid., p. 140.

¹⁴¹ POUTIGNAT; STREIFF-FENART; BARTH, op.cit., p.152.

¹⁴² BOAVENTURA, op. cit, 1996, p. 50.

que os entrevistados afro-descendentes constantemente evidenciaram em suas narrativas o sentimento de pertencimento a qual se sentiam envolvidos ao frequentarem o União Operária, apresentando elementos que indicam o processo de formação da consciência dos mesmos enquanto grupo étnico.

Segundo Barth¹⁴³, os grupos étnicos são constituídos por uma população que:

- 1)- perpetua-se biologicamente de modo amplo;
- 2)- compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais;
- 3)- constitui um campo de comunicação e de interação;
- 4)- possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

A partir do conceito de grupo étnico definido por Barth, o compartilhamento cultural de elementos em comum é apontado por Oliveira como tendo importância fundamental¹⁴⁴. As fronteiras étnicas entre grupos não se encontram rigidamente solidificadas, ao longo dos tempos “podem manter-se, reforçar-se. Apagar-se ou desaparecer”¹⁴⁵, como se pode perceber em relação aos clubes União Mineira e União Operária, que atualmente podem ser frequentados por pessoas de vários grupos étnicos. A identidade étnica é construída a partir das interações com os membros de outros grupos étnicos, por meio de identificações e “definições exógenas”, ou seja, o preconceito manifestado pelos grupos dominantes em relação aos afro-descendentes não é ignorado pelos mesmos, e as articulações de resistência e a luta contra a discriminação social só tem sentido a partir destes estigmas externos¹⁴⁶.

Estes elementos reforçam a mobilidade atribuída à identidade. Segundo Hall¹⁴⁷, a identidade está em constante processo de constituição, sendo transformada a partir das interações sociais e por meio das mudanças ocorridas na sociedade como um todo, definindo o sujeito pós-moderno:

¹⁴³ POUTIGNAT; STREIFF-FENART; BARTH, op.cit., p.152..

¹⁴⁴ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976, p. 2.

¹⁴⁵ POUTIGNAT; STREIFF-FENART; BARTH, op.cit., p. 154.

¹⁴⁶ Ibid., p. 142-143.

¹⁴⁷ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 13.

[...] como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”; formada e transformada continuamente em relação a formas pelas quais somos representado ou interpretado nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.¹⁴⁸

Essencialmente envolvido pela mineração e religiosidade, a nomeação do bairro Santa Bárbara aconteceu em virtude da forte ligação existente entre os trabalhadores das minas de carvão e a santa “cultuada como protetora dos mineiros”¹⁴⁹ que, “segundo a fé católica atende aos pedidos dos fiéis em dias de temporais e trovoadas”¹⁵⁰.



Figura 2 – A vila e ao fundo a antiga capela de Santa Bárbara (sem data)¹⁵¹.

A primeira capela de Santa Bárbara foi construída no bairro Santo Antônio, na rua Rio do Sul, em 1920¹⁵². Em decorrência dos riscos que a localização da capela oferecia aos fiéis, em 1934 é transferida para a vila Operária Velha e em

¹⁴⁸ HALL, op. cit., p. 13;

¹⁴⁹ COSTA, op. cit., p. 70.

¹⁵⁰ BERNALDO, op. cit., p. 20.

¹⁵¹ FRANCESCONI, Gabriela Colonetti dos Reis. **Relações étnico-raciais no Grupo Escolar Coelho Neto, Criciúma/SC (1952-1964)**. Monografia, UNESC. Criciúma, 2009. 47 p.

¹⁵² OLIVEIRA, Cleimar Araújo. **A festa e a Santa: recordações em honra à festa de Santa Bárbara em Criciúma/SC**. Monografia, UNESC. Criciúma, 2005, p. 20.

1950 a igreja de Santa Bárbara é construída no mesmo local¹⁵³. As festas e procissões em honra à Santa Bárbara que ainda acontecem, eram nestes períodos “palco de devoção e distração para a comunidade de fiéis e curiosos”¹⁵⁴. Segundo Anália José Lima, “todo mundo se preparava o ano inteiro em conjunto para a festa de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros, aí havia mistura”, ocorrendo a integração entre pessoas etnicamente diferentes, algo que não acontecia em algumas outras situações, a exemplo da existência das duas sociedades recreativas. Anália José Lima¹⁵⁵ ainda ressalta a importância e grandiosidade da festa de Santa Bárbara:

A festa era grandiosa, tanto é que nós em criança não ganhávamos roupas para o natal, a roupa era para a festa de Santa Bárbara, a gente usava na festa e depois no natal. Era feriado em toda a região aonde tinha mineração, os parentes vinham de longe na véspera para as casas. As casas da comunidade enchiam de gente, enchiam as ruas, a igreja, o lado do pátio onde era antigamente o campo do atlético, tinha barraca por todo lugar, naquela parte, era uma festa muito grande mesmo.

O catolicismo não era a única religiosidade expressa nas proximidades do bairro; no que diz respeito às práticas e manifestações religiosas afro-brasileiras, Anália José Lima¹⁵⁶, a partir de lembranças individuais, também encontradas em outros relatos, cita que:

[...] alguns freqüentavam os centros escondidos, devido à questão histórica de que a religião afro era feia, era pecado, era errada, e chegavam a proibir. Tinha o centro no Santo Antônio, *né?* Da dona Antoninha que é o mais antigo da região, e eu sei que tinha culto afro lá, tinha gente dali que ia, mas eles não contavam, tanto é que eu tinha curiosidade de saber porque tinha batuque, eu fui ver um e procurar entender depois que eu comecei a estudar a cultura afro, porque as famílias a minha mãe a minha avó eram bem católicas, *né?* De filha de Maria..., então nem falava, e aqueles que iam, iam escondidos, e tinham vergonha de comentar, de criança eu lembro que eles comentavam assim ‘hoje tem batuque na Antoninha’, mas eles declararem que iam não, porque tinha esta questão de que para eles era vergonhoso, *né?* Era bem mal visto, resultado das questões históricas.

É interessante observar a resistência diante do preconceito que envolvia o centro de dona Antoninha, pois mesmo escondidas, algumas pessoas não deixavam de frequentá-lo. A existência de um centro de Umbanda, sendo frequentado por moradores do bairro Santa Bárbara, apresenta outro local de pertencimento e

¹⁵³ OLIVEIRA, Cleimar Araújo, op.cit., p. 20 -21.

¹⁵⁴ PERITO, Solange Maria Dias. A santa e os mineiros: igreja Santa Bárbara de Criciúma. In: OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam**: memórias dos moradores do bairro Santo Antônio - Criciúma - SC: 1880/2000. Criciúma, SC: Secretaria Municipal de Educação, 2000, p. 24.

¹⁵⁵ Anália José Lima. Entrevista citada, 2010.

¹⁵⁶ Idem, 2010.

identificação no qual estas pessoas se sentiam incluídas, além do clube União Operária, neste caso, a manifestação da religiosidade característica da cultura afro-brasileira era por opção dos adeptos.

Em relação a festas e ao lazer, nas entrevistas podem-se perceber alguns aspectos da cultura afro-brasileira, no Bairro Santa Bárbara, a partir da memória de Anália José Lima¹⁵⁷, que mais evidenciou estas manifestações:

Que eu lembre, eu já peguei os dois clubes, o clube de branco e o clube de negros, União Mineira e União Operária, tinha bastante festa na época, bailes e danças, suares nos domingos [...] carnaval tinha, a escola de samba basicamente liderada por negros, [...] esta escola de samba ensaiava ali na rua da igreja, a sede era perto de onde agora é o União Mineira, tinha um barraco, uma sala, então os negros da redondeza saiam todos nesta escola de samba, dava muito movimento, o transito chegava a parar, porque o pessoal ensaiava andando na rua, dançando na rua, saía na rua de Santa Bárbara, entrava na Henrique Lage, subia pelo lado do Coelho Neto e saía de novo lá na Santa Bárbara, e todos iam pelos lados acompanhando, e era muito bom também, e depois nos dias de carnaval mesmo, os negros iam para o União Operária, e os brancos para o União Mineira.

Ferreira¹⁵⁸ pontua que, com o desenvolvimento das escolas de samba no Brasil, o afro-descendente “durante quatro dias, apoderava-se das cidades. Um momento de afirmação social, cultural e étnica”. No bairro Santa Bárbara não era diferente, Anália evidencia em sua narrativa elementos da cultura afro-brasileira no cotidiano do bairro, indicando o desenvolvimento da consciência do afrodescendente como um grupo étnico, em processos de identificações essencialmente sendo manifestados pelos afro-descendentes da localidade, em meio a manifestações culturais e também religiosas.

O relato de Anália José Lima¹⁵⁹ ainda evidencia alguns outros elementos relacionados ao carnaval da Santa Bárbara:

Uma das coisas que a minha avó contava muito tinha muito orgulho de falar, era dos blocos, que ela era uma das costureiras e que eles provavam a fantasia embaixo da mina para o outro grupo não ver a fantasia, olha que coisa mais linda, embaixo da mina, e quem ia provar a fantasia tinha que colocar uma venda nos olhos, tu não sabia a roupa que tu ia usar, que era para não vaziar, só quem sabia eram os coordenadores e as costureiras. E tu nunca lê isso em livro nenhum, eram bloquinhos [...] e no dia de carnaval, era organizado que um grupo visitava o bairro do outro grupo, e eram vários, então tinha um grupo da Operária Velha, outro lá da Mina do Mato, um grupo do Santo Antônio, e um grupo visitava o outro no carnaval, era

¹⁵⁷ Anália José Lima. Entrevista citada, 2010.

¹⁵⁸ FERREIRA, op.cit., p. 124.

¹⁵⁹ Anália José Lima. Entrevista citada, 2010.

muito diferente, e esses grupos então perante a sociedade não existiam, porque a sociedade fazia carnaval no salão, chiqui, ali no salão, *né?* Depois que apareceram então os Embaixadores do ritmo, a Vila Isabel, bem depois.

Em relação às lembranças de família, Bosi ressalta que comumente entre os familiares citados nas lembranças encontram-se referências à figura da avó e do avô¹⁶⁰. Anália cita o orgulho percebido em sua avó ao referir-se ao tempo em que era a costureira das fantasias dos blocos de carnaval na Santa Bárbara, na qual também se percebe a positividade atribuída a estas manifestações culturais por Anália. Pode-se apontar que sua avó contribuiu de forma positiva para a visibilidade de aspectos da cultura afro-brasileira no bairro Santa Bárbara, ao contar sua ligação com o carnaval, refletindo-se em Anália.

Outro depoimento que também ressalta o papel do avô, positivando manifestações culturais afro-brasileiras, é narrado por Sueli dos passos Simão¹⁶¹, quando conta que:

O meu avô, o pai da minha mãe, ele usava muito o tambor, e este lado foi o que mais me chamava atenção, era o tambor, eu até hoje eu tenho tambor em casa, eu toco tambor, eu toco chocalho, pandeiro eu tenho, meus netos tocam tambor, tocam pandeiro, tocam chocalho, eu ensino *né?* O meu avô tocava tambor, tinha a época do boi de mamão, então era aquela festa, *né?* A gente se divertia muito, a gente era muito feliz, apesar de tudo. Existia o preconceito forte, mas a gente às vezes nem notava de tão feliz que éramos, porque eram todos pobres, eram quase todos do mesmo nível, a gente se amava demais, nos dávamos bem.

No relato acima se percebe a figura do avô e da avó em duas situações: quando Sueli era criança e ouvia o avô tocar tambor e sentia-se positivamente contagiada, e atualmente, quando a mesma transmite aos seus netos a ligação não apenas com o tambor, mas também com o pandeiro e o chocalho. Contribuindo para a constituição da identidade de seus netos.

Em geral, observa-se que apesar da evidente fronteira étnica existente no bairro Santa Bárbara, agindo em sentido de demarcação de diferenças étnicas, os afro-descendentes da localidade se aproximavam e se identificavam com elementos da cultura afro-brasileira, em situações que ressaltam o sentimento de pertencimento.

¹⁶⁰ BOSI, op.cit., p. 429.

¹⁶¹ Sueli dos Passos Simão. Afro-descendente, estudante do Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 27 de março de 1946. Iniciou na escola em 1953. Entrevista citada, concedida em 01 de setembro de 2010, realizada por Rosana Peruchi Luiz..

4.1 A constituição de identidades étnicas na escola

Segundo o histórico escolar do Grupo Escolar Coelho Neto, inicialmente denominada de Escola Isolada Estadual Dr. Paulo de Frontin, fundada em 1925, ainda no bairro Santo Antônio, sendo transferida posteriormente para a vila Operária Velha, após as solicitações de operários que também haviam sido transferidos para a localidade. Na vila Operária foi construída próxima à capela da Santa Bárbara, com duas classes recebendo 41 alunos cada, passando a denominar-se Escola Desdobrada de Vila Operária. Em 1948, com três classes passou a chamar-se Escola Reunida Professor Otto de Souza Dreer. Em 1949, passa a ser denominada Escola Reunida Ondina Silva, em novo prédio com quatro classes, em terreno doado pela CBCA. Entre as várias mudanças ocorridas na escola durante o período que se estende à década de 1952 a 1964, delimitação temporal desta pesquisa, consta a passagem à categoria de Grupo Escolar Coelho Neto¹⁶².

Entre os documentos coletados na escola não consta a relação numérica de professores e alunos que atuaram na unidade, dificultando que se saiba a quantidade de membros e quais grupos étnicos existiam no Grupo Escolar Coelho Neto.

Em relação ao grupo étnico que os alunos pertenciam, Anália José Lima¹⁶³ relata que:

Naquela época a gente não sabia diferenciar o grupo étnico, *né*? Então se dizia fulano é branco, cicrano é negro, hoje eu sei quem é, e a que grupo pertence, mas naquela época a gente não tinha esta preocupação, até porque este trabalho começou a ser feito na época do centenário de Criciúma [...] tinha uma família onde agora é o União Mineira bem grande que todo mundo chamava eles de portugueses, *né*? Então tinha crianças que eram dali 'ah era filho do Manuel português', 'era filha do Lopes português', mas a gente nem sabia porque chamavam assim, porque na realidade eles eram portugueses mesmo, então tinha filhos deste pessoal ali na escola, e tinha bastante gente ali dos Sônego, e depois igual a mim que eram filhos de mineiros, só que a minha mãe era professora ali, *né*, no Coelho Neto, também tinha a dona Maura também que era professora a dona Léia e os filhos estudavam tudo ali na escola também, mas a gente não via assim como um todo, era criança negra e criança branca, e nas brincadeiras assim... a gente sentia o preconceito, *né*? Aquela coisa assim como tem hoje ainda, como eu era filha de professora elas tinham um certo cuidado, tinha a dona Maura que tinha os filhos, então com os filhos da D. Maura eles tinha certo cuidado, de não chamar de negro de não chamar de

¹⁶² Informações encontradas no histórico do Grupo Escolar Coelho Neto.

¹⁶³ Anália José Lima. Entrevista citada, 2009.

macaco e tal, mas com os outros o bicho pegava, de vez enquanto tinha brigas, discussão, xingamentos e como é que se diz, agressão, até porque quando chamava de macaco, uma vez também peguei uma garota e bati.

Observa-se aqui a memória em reconstrução. Anália José Lima, ao citar que na época não se utilizavam classificações em grupos étnicos, apenas em “brancos” e “negros”, atribui ao passado conhecimentos adquiridos posteriormente. Segundo Bosi, “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”¹⁶⁴. Pode-se perceber ainda que se evitavam os “xingamentos” aos filhos dos professores afro-descendentes, mas não de todo. E brigas em sentido de defesa aconteciam.

Eram vários os professores afro-descendentes atuantes no Grupo Escolar Coelho Neto. Maria dos Santos Lima¹⁶⁵ cita que “negros éramos uns oito: Pelé de educação física, Dona Maura, Terezinha Tomás, Marília, Léia e outras que substituíam”, complementando que “os negros eram ótimos professores, Maura e a Léia de matemática, a Marília, que em julho toda a classe já estava lendo, assim os pais faziam questão que seus filhos ficassem com esses professores”. A existência dos mesmos na unidade escolar serviu de referência aos alunos afro-descendentes como modelos positivos.

Sobre a visibilidade à cultura afro-brasileira no grupo Escolar Coelho Neto, Anália José Lima¹⁶⁶ ainda cita que:

A questão ser negro, nas escolas na época não se trabalhava, o que se ouvia era que a Princesa Isabel libertou os escravos. Então a criança negra tinha vergonha que fosse falado sobre isso, ela tinha vergonha de escutar, e não era colocado escravização, era colocado a escravidão, na cabeça da gente, o que a gente entendia? Que o negro era submisso deixou-se escravizar e não fez nada, quando tu não tens identidade, tu não conhece a realidade do que aconteceu tu tem vergonha. O meu povo lá atrás deixou os outros bater, aceitou a submissão, era isso que eu pensava, escutávamos que os italianos vieram pra cá lutaram com os índios, pegaram a terra, trabalharam, a gente achava até bonito, depois que fui entender o que aconteceu realmente. Até ter a visão do que aconteceu realmente, quantos negros morreram lutando por não aceitar a escravização [...] eu só fui saber depois de adulta, hoje se tem outra visão das coisas, hoje se alguém falar... nem falam perto de mim, né? (risos) [...] eu queria saber o que eu sei hoje, quando eu tinha uns 14 anos. (sic).

¹⁶⁴ BOSI, op.cit., p. 46.

¹⁶⁵ Maria dos Santos Lima. Afro-descendente, professora do Grupo Escolar Coelho Neto. Nasceu em 01 de outubro de 1931. Foi professora da escola nos anos de 1963 a 1978. Entrevista citada, concedida em 05 de fevereiro de 2009, realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

¹⁶⁶ Anália José Lima. Entrevista citada, 2010.

É interessante observar, no relato de Anália José Lima, aspectos do desenvolvimento de sua identidade e a ênfase dada principalmente à importância do estudo da cultura afro-brasileira, e a visibilidade das manifestações do grupo étnico do qual se sente incluída. O processo se inicia com a “vergonha” ao se deparar com uma história europeizada na qual o africano e seus descendentes são retratados como passivos, enquanto que o italiano como desbravador. Aos momentos na qual a mesma ressalta a importância da descoberta da história de resistência das populações escravizadas, demarcando os 14 anos, provavelmente o período de discriminação mais evidente, como um momento em que a mesma gostaria de saber o que sabe hoje, para com argumentações se defender.

Sobre a escola, Loureiro¹⁶⁷ ressalta sua função na formação de identidades positivas ou negativas:

É importante ressaltar a importância que a escola tem no desenvolvimento da vida afetiva, emocional e psicológica das crianças. A dinâmica escolar pode ser desastrosa ao indivíduo e à sociedade democrática como um todo, quando barra ou dificulta, por vários mecanismos de discriminação, o sucesso ou mesmo a continuidade da vida escolar (do processo de aprendizagem) de algumas crianças. Pois, em uma sociedade em que alguns grupos étnico-raciais são discriminados, as crianças submetidas a essa ideologia de desqualificação passam a se sentir “inabilitadas” para a participação livre no mundo das edificações. Não dispondo de meios para avaliar as contradições existentes na ideologia vigente e, assim, desconhecendo os reais motivos de seu aparente “insucesso” desenvolvendo um sentimento de menos valia.

Ferreira aponta quatro estágios no processo de desenvolvimento de uma identidade afrocentrada, sendo eles, o estágio da submissão, impacto, militância e da articulação, na qual o indivíduo a partir de interações sociais desenvolve algumas concepções “sobre si mesmo, sobre outras pessoas e sobre seu mundo”¹⁶⁸. No estágio da submissão, o afro-descendente se submete ao padrão cultural dominante, podendo absorver noções negativas sobre o grupo étnico afro-descendente¹⁶⁹. No estágio do impacto, a partir de suas relações sociais o afro-descendente depara-se com situações em que fica evidente a existência do preconceito ou da discriminação¹⁷⁰. No estágio da militância, segundo Ferreira, “é comum o afro-descendente apegar-se de forma obsessiva a símbolos da nova

¹⁶⁷ LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção**: a resignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupos, na perspectiva existencial humanista. Belo Horizonte: Lutador, 2004, p. 24.

¹⁶⁸ FERREIRA, op.cit., p. 69.

¹⁶⁹ Ibid., p. 70.

¹⁷⁰ Ibid., p. 77.

identidade em processo de constituição” encerrando-se nestas novas referências¹⁷¹. A partir do estágio da articulação, o afro-descendente referencia-se em um grupo étnico e desenvolve vínculos de pertencimento baseando-se, principalmente, nas relações desenvolvidas dentro do grupo e não mais em situações exógenas¹⁷². Lembrando que este processo de desenvolvimento não ocorre necessariamente de forma linear.

Todos os entrevistados citaram o incentivo ao estudo recebido na família, como Sioni dos Passos Silva¹⁷³: “meu pai fazia, nós tínhamos que estudar”. No entanto, Sueli dos Passos Simão¹⁷⁴ comenta que “na nossa época poucas famílias de negros estudavam”. Como Maria dos Santos Lima¹⁷⁵ complementa em relação à evasão escolar no Coelho Neto:

[...] havia sim, principalmente dos negros, mal chegavam à quarta série. Repetiam o ano, ficavam grandes e saíam para trabalhar. Por vários motivos: falta de incentivo, já que os pais também não estudaram. Pouco acompanhamento com as tarefas diárias e o preconceito de que os negros não teriam um bom emprego. A situação financeira também contribuía.

Em relação às identificações étnicas percebidas entre os alunos do Coelho Neto, Maria dos Santos Lima¹⁷⁶ cita ainda que:

[...] os próprios alunos negros agrupavam-se, quase todos moravam nas casas da CBCA, uma ao lado da outra, eram parentes e vizinhos. Nos primeiros dias de aula, observava-se grupos que eram separados sem que notassem, no trabalho de equipe por exemplo. Não havia esta consciência étnica, porque eram crianças e os pais também não tinham.

É importante ressaltar que identidade e identificação não possuem o mesmo significado. Segundo Loureiro¹⁷⁷, “a identificação é fundamental no processo de construção da identidade, reflete a identidade em processo”. Maria dos Santos Lima observa que entre os alunos afro-descendentes do Coelho Neto existia a identificação de uns com os outros, indicando que mesmo sem terem consciência, elementos de identificação étnica já se estavam presentes durante a infância.

¹⁷¹ FERREIRA, op.cit., p. 80.

¹⁷² Ibid., p. 83.

¹⁷³ Sioni dos Passos Silva. Afro-descendente, estudante no Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 16 de junho de 1950. Entrevista concedida em: 10 de dezembro de 2008. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz. Iniciou na escola em 1957.

¹⁷⁴ Sueli dos Passos Simão. Entrevista citada, concedida em 01/09/2010.

¹⁷⁵ Maria dos Santos Lima. Entrevista citada, 2009.

¹⁷⁶ Idem, 2009.

¹⁷⁷ LOUREIRO, op.cit., p. 66.

Em relação à ocorrência de atitudes discriminatórias direcionadas a alunos ou professores, Dalci Dário¹⁷⁸ diz que:

Existia o racismo, mas também existia o respeito, porque os pais da gente, apesar de serem racistas, obrigavam a gente a respeitar, porque se houvesse alguma reclamação alguma coisa, não provocava, não... Não se misturava, não se dizia piada, mas também não se convidava para brincadeira.

No depoimento de Dalci Dário¹⁷⁹ podem-se observar elementos que indicam certa segregação entre os alunos baseada no preconceito étnico, embora se evitassem os insultos “raciais” pelo receio das consequências. Ainda assim é evidente a existência de ações discriminatórias. A discriminação neste caso pode ser entendida como:

[...] separar, distinguir, e estabelecer diferenças. A discriminação racial corresponde ao ato de apartar, separar, segregar pessoas de origens raciais diferentes. Partindo do princípio de que existem raças inferiores a outras¹⁸⁰.

Assim sendo, o racismo é entendido como a “a teoria que sustenta a superioridade de certas raças em relação a outras”¹⁸¹, enquanto o preconceito é “o conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos”¹⁸². O uso do termo “raça” tem sido rediscutido, pois como afirma Guimarães¹⁸³:

1) no tocante à espécie humana, não existem “raças” biológicas, ou seja, não há no mundo físico e material nada que possa ser corretamente classificado como “raça”; 2) o conceito de “raça” é parte de um discurso científico errôneo e de um discurso político racista, autoritário, antigualitário e antidemocrático; 3) o uso do termo “raça” apenas retifica uma categoria política abusiva.

Desse modo, o termo raça nesta pesquisa foi substituído pelo termo etnia, por se referir “às características culturais, língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” que são partilhadas por um povo”¹⁸⁴.

¹⁷⁸ Dalci Dário. Descendente de Italianos, estudante no Grupo Escolar Coelho Neto e morador do bairro Santa Bárbara Entrevista concedida em 10 de fevereiro de 2009 Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

¹⁷⁹ Idem, 2009.

¹⁸⁰ BERND, Zilé. **Racismo e anti-racismo**. São Paulo: Ed. Moderna, 1994, p. 10.

¹⁸¹ Ibid., p. 11.

¹⁸² Ibid., p. 9.

¹⁸³ GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: 34, 2002, p. 48-49.

¹⁸⁴ HALL, op. cit., p. 62.

Grande parte dos alunos do Coelho Neto eram filhos mineiros e moradores do bairro Santa Bárbara. Dalci Dário¹⁸⁵, em referência às disparidades econômicas entre os alunos, cita que não havia expressiva diferença na situação econômica dos mesmos, pois era uma época em que:

Todo mundo era simples, *né?* O que eu posso dizer, a maioria ia descalço, os que iam de tênis era um ou outro, senão era todos de pé no chão, e aquelas mesmas classes se equiparavam, *né?* Pra dizer rico, rico não existia, a não ser no centro. Agora aqui no bairro, *né...*

Segundo Volpato, até a década de 1980, o salário dos mineiros da CBCA não era fixo, mas definido a partir da quantidade de carvão produzida¹⁸⁶. Este elemento permite considerar que o preconceito existente no bairro não era baseado na classe, mas sim nas características fenotípicas e culturais dos afro-descendentes. Oliveira¹⁸⁷ ressalta que atribuir o preconceito ao afro-descendente a uma questão de classe social significa reduzir e limitar o entendimento sobre a relação entre diferentes grupos étnicos.

Para Guimarães¹⁸⁸, a expressão da discriminação baseada no fenótipo e não na condição social pode ter como única evidência a proliferação de insultos e ofensas verbais. O mesmo autor, utilizando o conceito de insulto de Flynn, caracteriza as ofensas verbais como “um ato, observação ou gesto que expressa uma opinião bastante negativa de uma pessoa ou grupo”¹⁸⁹. As variáveis que ordenam as práticas estigmatizantes atribuídas a grupos considerados com prestígio social menor são expostas por Guimarães¹⁹⁰:

O primeiro modo de estigmatizar é a pobreza. Para utilizá-lo, o grupo dominante precisa monopolizar as melhores posições sociais, em termos de poder, prestígio social e vantagens materiais. Apenas nesta situação, a pobreza pode, então ser vista como decorrência da inferioridade natural dos excluídos. O segundo modo de estigmatizar é atribuir como características definidoras do outro grupo a anomia (a desorganização social e familiar) e a delinqüência o não cumprimento das leis. O terceiro é atribuir ao outro, hábitos deficientes de limpeza e higiene. O quarto e último é tratar e ver os dominados como animais, quase-animais ou não inteiramente pertencentes à ordem social.

¹⁸⁵ Dalci Dário. Entrevista citada.

¹⁸⁶ VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana**: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: UFSC, 1984, p. 56.

¹⁸⁷ OLIVEIRA, Roberto Cardoso, prefácio XIX.

¹⁸⁸ GUIMARÃES, op.cit., p. 169.

¹⁸⁹ Ibid., p. 171.

¹⁹⁰ Elias e Scot (apud GUIMARÃES, op. cit., p. 172).

Percebe-se no relato dos entrevistados a ocorrência de duas das práticas estigmatizantes citadas, quando Sioni cita que as ofensas ocorridas com frequência era o insulto de “negro e macaco”, além de existirem situações em que a mesma e sua irmã foram chamadas de “negras catinguentas de mijo”¹⁹¹.

Em muitos casos, a designação “negro” pode abarcar em sua referência toda uma carga pejorativa, resultando em situações de conflito, como no relato de Maura Martins Vicência¹⁹², ao referir-se sobre as formas em que o preconceito se manifestava, neste caso envolvendo também uma professora:

Era assim como tudo no Brasil de uma maneira meio velada, mas eu vou contar uma história para vocês, de uma maneira que não foi nada velada. Um aluno se apresenta, porque eu era secretária da escola, um aluno negro, porque a professora mandou reclamar dele, então ele ia receber uma reprimenda, lá da direção, aí ele disse: ‘não, mas eu briguei com o outro porque ele me chamou de negro’, aí eu mandei ele buscar o outro aluno... aí o aluno branco veio e disse: ‘Eu chamei ele de negro, mas a professora também chamou’.

Outra situação relatada nas entrevistas com os ex-alunos, em que a designação negro foi utilizada de forma pejorativa, é encontrada no relato de Sueli dos Passos Simão¹⁹³, na qual fica evidente a admiração inspirada por Clotilde Maria Lalau, ao mencionar a chegada da professora que teve grande atuação no movimento negro de Criciúma, no Grupo Escolar Coelho Neto.

Nós estávamos ali no patiozinho da escola velha, aí vinha aquela professora negra bem possante, né? Vinha vindo com o material na mão. Aquela ali não só fez o trabalho com os negros, Mas ela aceitava a todos, ela era uma pessoa muito amada, ela fazia o trabalho com o negro como se faz hoje, mas não deixou de amar os brancos, como um monte de gente não deixou de amar as outras etnias, ela casou com o seu Wilson Lalau e a primeira escola que ela veio dar aula foi o Coelho Neto, então ela vinha vindo toda de branco daquele jeito dela, ela tinha uma postura, aí a servente rindo, debochando, ‘oh, vem uma professora negra para dar aula aqui no Coelho Neto’, e eu nunca esqueci o fato, então eu notei assim como existia preconceito, ali eu notei.

Além de serem manifestados durante uma situação de conflito, os insultos ainda podem ocasioná-lo¹⁹⁴. Como relata Sueli dos Passos Silva¹⁹⁵, ao contar que

¹⁹¹ Sioni dos Passos Silva. Entrevista citada, 2008.

¹⁹² Maura Martins Vivencia. Afro-descendente, secretária e professora no Grupo Escolar Coelho Neto. Nasceu em 15 de maio de 1935. Iniciou na escola em 1958. Entrevista concedida em 11 de dezembro de 2008. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

¹⁹³ Sueli dos Passos Simão. Entrevista concedida em 10 dez, 2008.

¹⁹⁴ GUIMARÃES, op.cit., p. 181.

¹⁹⁵ Sueli dos Passos Simão. Entrevista citada, 2008.

seu irmão era quem a defendia em tais casos, pois “quem me defendia era o Joi, né? Eu acho que já na época me chamavam de negra porque quem me defendia era o Joi, ‘eu vou chamar o Joi’ o Joi é meu irmão mais velho, ele é que me defendia”.

Todas estas situações em que se percebe a ocorrência do preconceito e da discriminação são processos de interação social, entre grupos étnicos distintos. Estes conflitos ocasionados nestes contatos, em alguns casos, favorecem com que a negatividade de tais atribuições seja incorporada a identidade étnica, produzindo identificações ligadas a elementos estigmatizantes¹⁹⁶. Implicando que, de forma pouco reflexiva, muitos afro-descendentes assimilem as ideias negativas relacionadas ao seu grupo étnico, buscando aproximar-se dos “valores da cultura branca dominante”¹⁹⁷.

Através da oralidade, podem-se perceber elementos culturais específicos da cultura afro-brasileira no cotidiano do bairro Santa Bárbara, entre 1952 a 1964, na qual os afro-descendentes sentiam-se identificados e incluídos. As falas dos entrevistados revelam o aspecto móvel do processo de construção de suas identidades, encaminhando-se para a visibilidade e positividade, devido a resistências individuais e o desenvolvimento de estratégias de luta contra o preconceito étnico. Na década de 1980 com a abertura das discussões sobre grupos étnicos, praticamente todos os entrevistados afro-descendentes envolveram-se em grupos ligados à cultura afro-brasileira em Criciúma.

Apesar da evidente discriminação e do preconceito, o Clube e o time União Operária, o carnaval, o centro de Umbanda da dona Antoninha, entre outros espaços, apresentaram-se como locais de pertencimento. A construção da identidade étnica do afro-descendente não foi apenas vinculada às definições exógenas, mas também a partir de identificações e ligações individuais em constantes articulações.

¹⁹⁶ FERREIRA, op.cit., p. 19.

¹⁹⁷ Ibid., p. 70.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da consciência dos afro-descendentes enquanto grupo étnico é constantemente apontado pela oralidade nesta pesquisa, tendo início na década de 1980 devido à mudança na identidade do município para “cidade das etnias”, maquiando o passado de “capital do carvão”, em vista da visibilidade dada às manifestações culturais dos grupos étnicos percebidos como existentes em Criciúma.

Como se pode perceber na presente pesquisa entre 1952 a 1964, o desenvolvimento de esquemas de identificações étnicas já estava sendo articulado no bairro Santa Bárbara, em períodos anteriores à difusão das visibilidades públicas aos grupos étnicos.

A existência de espaços frequentados apenas por determinados grupos, e a proliferação de insultos referentes aos traços fenóticos dos afro-descendentes, demarcavam as diferenças entre os mesmos e outros grupos. Neste sentido elaborando também o desenvolvimento de resistências e afirmações identitárias.

A Sociedade Recreativa União Operária foi construída como um espaço de socialização e era frequentada por famílias afro-descendentes moradoras do bairro, transformando-se em um local de pertencimento em que elementos em comum poderiam ser compartilhados. As professoras afro-descendentes do Grupo Escolar Coelho Neto apresentaram-se como exemplos positivos às crianças que com elas se identificavam. O centro de Umbanda da dona Antoninha, e seus freqüentadores, resistiram e continuaram exercendo suas manifestações religiosas. No carnaval buscava-se a visibilidade pública das ruas do bairro Santa Bárbara, em afirmações culturais. Em várias situações, os afro-descendentes da localidade desenvolveram resistências e estratégias de enfrentamento à discriminação e ao preconceito existente.

Através das entrevistas, percebem-se elementos que indicam a ocorrência do desenvolvimento de esquemas de identificação e de pertencimento baseados na etnicidade no bairro Santa Bárbara e do Grupo Escolar Coelho Neto. A presente pesquisa buscou principalmente contribuir para a visibilidade dos afro-descendentes em Criciúma. A quase não existência de estudos destinados ao desenvolvimento da cultura afro-brasileira em Santa Catarina e em Criciúma

contribui para a manutenção da inexpressividade atribuída aos afro-descendentes e o desenvolvimento de identidades inicialmente vinculadas a elementos negativos. A existência ainda nos dias atuais do mito da democracia racial dificulta as lutas pela igualdade de condições entre os vários grupos étnicos existentes no Brasil.

Fontes Orais

Anália José Lima. Afro-descendente, estudante no Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 19 de março de 1958. Foi aluna da escola nos anos de 1964 a 1968. Entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2009. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

_____. Entrevista concedida em: 06 de setembro de 2010. Realizada por Rosana Peruchi Luiz.

Dalci Dário. Descendente de Italianos, estudante no Grupo Escolar Coelho Neto e morador do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 19 de junho de 1943. Foi aluno da escola nos anos de 1951 a 1954. Entrevista concedida em 10 de fevereiro de 2009. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

Maria dos Santos Lima. Afro-descendente, professora do Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 01 de outubro de 1931. Foi professora da escola nos anos de 1963 a 1978. Entrevista concedida em 05 de fevereiro de 2009. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

Maura Martins Vivencia. Afro-descendente, secretária e professora no Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 15 de maio de 1935. Iniciou na escola em 1958. Entrevista concedida em 11 de dezembro de 2008. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

Onélia Alano da Rosa. Afro-descendente, professora do Grupo Escolar Coelho Neto. Nasceu em 10 de janeiro de 1942. Foi professora substituta na escola em 1953. Entrevista concedida em 12 de fevereiro de 2008. Realizada por: Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

Sioni dos Passos Silva. Afro-descendente, estudante no Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 16 de junho de 1950. Iniciou na escola em 1957. Entrevista concedida em 10 de dezembro de 2008. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

Sueli dos Passos Simão. Afro-descendente, estudante do Grupo Escolar Coelho Neto e moradora do bairro Santa Bárbara. Nasceu em 27 de março de 1946. Iniciou na escola em 1953. Entrevista concedida em 01 de setembro de 2010. Realizada por Rosana Peruchi Luiz.

_____. Entrevista concedida em 10 de dezembro de 2009. Realizada por Gabriela Colonetti e Rosana Peruchi Luiz.

REFERÊNCIAS

ARNS, Otília. **Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos**. Florianópolis, SC, 1985. 260 p.

ATAS da caixa escolar. **Grupo Escolar Coelho Neto: Criciúma-SC, 1950-1967**.

BERND, Zilá. **Racismo e anti-racismo**. São Paulo: Ed. Moderna, 1994. 63 p.

BERNALDO, Pedro Paulo. **Sociedade recreativa união operária: um espaço de luta, lazer, identidade e resistência da comunidade negra cricumense (1950-1970)**. Monografia, UNESC. Criciúma, 2005. 53 p.

BERNARDO, Terezinha Roseli. O Tempo e os espaços de entretenimento das famílias operárias mineiras. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Org.). **Memória e cultura do carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2004. 129-179p.

BOAVENTURA, Ilka Leite. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: _____. **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. 33-53 p.

_____. **As classificações étnicas**. Disponível em: <http://www.nuer.ufsc.br/asclassificacoesetnicas.html>. Acesso em: 10 set. 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 484 p.

BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____. (org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 7-37.

_____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 318 p.

CARDOSO, Paulino de Jesus; MORTARI, Claudia. Territórios negros em Santa Catarina: In: BRANCHER, Ana Lize (Org.). **Estudos Contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. 83-101 p.

CAROLA, Carlos Renato et al. **Perfil étnico no município de Criciúma**. Criciúma, SC: UNESC, 2003. 50 f.

COSTA, Marli de Oliveira. **Tudo isso eles contavam**: memórias dos moradores do bairro Santo Antônio - Criciúma - SC: 1880/2000. Criciúma, SC: Secretaria Municipal de Educação, 2000. 128 p.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. Rio de Janeiro: FAPESP, 2004. 186 p.

FRANCESCONI, Gabriela Colonetti dos Reis. **Relações étnico-raciais no Grupo Escolar Coelho Neto, Criciúma/SC (1952-1964)**. Monografia, UNESC. Criciúma, 2009. 47 p.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: 34, 2002. 231 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

HISTÓRICO escolar. **Grupo Escolar Coelho Neto: Criciúma-SC**

JOSÉ, Samira de Moraes. **Maria Aparecida e Onélia**: reflexões de ser mulher, negra, mãe e sozinha em Criciúma nas décadas de 1960 a 1980. Monografia, UNESC. Criciúma, 2006. 42 p.

KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotilde Lalau**: reflexões sobre a presença feminina no movimento negro em Criciúma (1970-1985). Monografia, UNESC. Criciúma, 2007. 39 p.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, p. 159-177, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 116 p.

LIMA, Adilis et al. Samba e Sincretismos Religioso no Santo Antônio: um bairro Carnavalesco e de Resistência. In: MANOEL, Iolanda Romeli Lima (Org.). CRICIÚMA (SC) Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Negros e negras em Criciúma: a implementação da Lei 10.639/03 e as personagens de uma história desconhecida.** Itajaí, SC: Maria do Cais, 2008. 45-64 p.

_____. Professoras Negras do Bairro Pinheirinho: O Giz em Movimento. In: MANOEL, Iolanda Romeli Lima (Org.). CRICIÚMA (SC) Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Negros e negras em Criciúma: a implementação da Lei 10.639/03 e as personagens de uma história desconhecida.** Itajaí, SC: Maria do Cais, 2008. 85-106 p.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção: a ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupos, na perspectiva existencial humanista.** Belo Horizonte: Lutador, 2004. 220 p.

MANENTI, Tamara Domingos. **Religiosidade, carnaval e movimento negro em Criciúma (1950-1980): o que a imprensa local tem a dizer sobre isso?** Criciúma, SC: UNESC, 2005. 20 p.

MANOEL, Iolanda Romeli Lima (Org.). CRICIÚMA (SC) Prefeitura Municipal. Secretaria da Educação. **Negros e negras em Criciúma: a implementação da Lei 10.639/03 e as personagens de uma história desconhecida.** Itajaí, SC: Maria do Cais, 2008. 171 p.

MAZZUCHETTI, Fernando; PAVEI, Dalana. Outros sujeitos na colonização de Criciúma. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, SC, v.1, n.1, p.57-65, dez. 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2005. 291 p.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **De Cresciúma a Criciúma: 1880-1960.** Criciúma: do Autor, 2007. 228 p.

_____. **De Cresciúma a Criciúma: 1880-1960.** Criciúma: do Autor, 2008. 223 p.

OLIVEIRA, Cleimar Araújo. **A festa e a Santa: recordações em honra à festa de Santa Bárbara em Criciúma/SC.** Monografia, UNESC. Criciúma, 2005. 40 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. 118 p.

PEDRO, Joana Maria et al. Escravidão e preconceito em Santa Catarina: História e Historiografia. In: BOAVENTURA, Ilka Leite (Org.). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. 229-245p.

PERITO, Solange Maria Dias. A santa e os mineiros: igreja Santa Bárbara de Criciúma. In: OSTETTO, Lucy Cristina; COSTA, Marli de Oliveira (Orgs.). **Circulando por lugares sagrados: reconhecendo a memória religiosa de Criciúma**. Criciúma, SC: UNESC, 2001.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne; BARTH, Fredrik. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. 250 p.

RIBEIRO, Ivan de Souza. **Presença e invisibilidade da população negra em Criciúma e região do período anterior e posterior à sua "fundação" (1880) e o contexto histórico relativo no Brasil**. Monografia (Especialização em História Social e Cultura), UNESC. Criciúma, 2005. 48 p.

ROMANSINI, Sandra Regina Medeiros. **As mulheres e os filhos dos ébrios: a experiência da Vila Operária Nova – 1960-1970**. Monografia, UNESC. Criciúma, 2001. 39 p.

SARMENTO, Jacinto Manuel. **Imaginário e culturas da infância**. Disponível em: http://www.cce.udesc.br/titosena/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf. Acesso em: 25 set. 2010.

SILVA, Jaime José Santos. **Danças, tambores e festejos: Aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX**. Disponível em: <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/downloadSuppFile/38/10>. Acesso em: 20 set. 2010.

SPRÍCIGO, Antônio Cesar. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados: escravidão na freguesia do Araranguá no Século XIX**. Caxias do Sul, RS: 2007. 189 p.

TAKANO CIDADANIA. **Racismos contemporâneos**. São Paulo: Takano Cidadania, 2003. 216 p.

TERMOS de visita. **Grupo Escolar Coelho Neto: Criciúma-SC. 1951-1971.**

TRAMONTE, Cristina. **Com a Bandeira de Oxalá!** Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras da Grande Florianópolis. Itajaí/Florianópolis: Univali/Lunardelli, 2001. 511 p.

TRAMONTE, Cristina. **Brasilidade e Umbanda em Santa Catarina:** confrontando signos identitários. Disponível em: http://www.iela.ufsc.br/cd2008/artigos/JornadasBolivarianas_Brasilidade_e_umbanda_2008.pdf. Acesso em: 20 set. 2010.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A pirita humana:** os mineiros de Criciúma. Florianópolis: UFSC, 1984. 159 p.

WAGNER, Ana Paula. Uma vida em comum: Africanos libertos e seus arranjos familiares em Desterro (1800-1819). In: BRANCHER, Ana Lize; AREND, Silvia Maria Fávero (Org.) **História de Santa Catarina:** séculos XVI a XIX. Florianópolis: UFSC, 2004. 149-173 p.

ZAMPOLLI, Fábio Alexandre Belloli. Nos festejos do centenário: a cidade das etnias. In: GONÇALVES, Gesiel S. (Org.). **Aconteceu no Século XX:** momentos que movimentaram Criciúma. Criciúma: do Autor, 2003. 129-138 p.